

ISSN 1516-9162

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
n. 33, jun./dez. 2007

ANGÚSTIA

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Porto Alegre

**REVISTA DA ASSOCIAÇÃO
PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE**

ISSN 1516-9162

EXPEDIENTE
Publicação Interna
Número 33 - jul./dez. 2007

Título deste número:
ANGUSTIA

Editor:

Otávio Augusto W. Nunes e Beatriz Kauri dos Reis

Comissão Editorial:

Beatriz Kauri dos Reis, Daniel Ritzel, Deborah Pinho, Inajara Erthal Amaral, Maria Ângela Bulhões, Otávio Augusto W. Nunes, Siloé Rey e Valéria Machado Rilho

Colaboradores deste número:

Noeli Lisboa, Ligia Victora, Marta Pedó e Radioativa produtora

Editoração:

Jaqueline M. Nascente

Consultoria lingüística:

Dino del Pino

Capa:

Clóvis Borba

Linha Editorial:

A Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre é uma publicação semestral da APPOA que tem por objetivo a inserção, circulação e debate de produções na área da psicanálise. Contém estudos teóricos, contribuições clínicas, revisões críticas, crônicas e entrevistas reunidas em edições temáticas e agrupadas em quatro seções distintas: textos, história, entrevista e variações. Além da venda avulsa, a Revista é distribuída a assinantes e membros da APPOA e em permuta e/ou doação a instituições científicas de áreas afins, assim com bibliotecas universitárias do País.

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Rua Faria Santos, 258 Bairro: Petrópolis 90670-150 – Porto Alegre / RS

Fone: (51) 3333.2140 – Fax: (51) 3333.7922

E-mail: appoa@appoa.com.br - Home-page: www.appoa.com.br

R454

Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação
Psicanalítica de Porto Alegre. - Vol. 1, n. 1 (1990). - Porto Alegre: APPOA, 1990, -

Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Semestral

ISSN 1516-9162

1. Psicanálise - Periódicos. I. Associação Psicanalítica de Porto Alegre

CDU 159.964.2(05)
CDD 616.891.7

Bibliotecária Responsável Luciane Alves Santini CRB 10

Indexada na base de dados Index PSI – Indexador dos Periódicos Brasileiros na área de
Psicologia (<http://www.bvs-psi.org.br/>)

Versão eletrônica disponível no site www.appoa.com.br

Impressa em maio 2008.

ANGÚSTIA

SUMÁRIO

■ EDITORIAL.....	07	Vergonha, olhar e angústia	98
■ TEXTOS		<i>Shame, look and anguish</i>	
Sobre o conceito de angústia em Freud	11	José de Araújo Filho	
<i>On the Concept of Anxiety in Freud</i>		Caminhos da angústia na rede assistencial de saúde pública	105
Cristian Giles		<i>The ways of anguish in the public health assistance</i>	
Pânico: uma neurose de angústia	22	Elaine Rosner Silveira	
<i>Panic: An anguish neurosis</i>		O afeto que se encerra	118
Nilson Sibemberg		<i>The closing affect</i>	
Porque a angústia é necessária	30	Robson de Freitas Pereira	
<i>Why anxiety is necessary</i>		■ RECORDAR, REPETIR, ELABORAR	
Alfredo Jerusalinsky		Contratransferência	127
A quem confiar minha tristeza?	47	Lucia E. Tower	
<i>To whom trust my sadness?</i>		■ ENTREVISTA	
Ligia Victora		Depressão, a grande neurose contemporânea?	153
A angústia de Lacan, uma terceira teoria?	58	Roland Chemama	
<i>Lacan's anguish: A third theory?</i>		■ VARIAÇÕES	
Sidnei Goldberg		Atopia e deriva: intervenção num caso de psicose não decidida na infância	160
O objeto <i>a</i> e a angústia	67	Beatriz Kauri dos Reis e Edson Luiz André de Souza	
<i>The object a and anguish</i>		O Outro institucional: gozo e angústia nas relações de trabalho	181
Elaine Starosta Foguel		Rosana de Souza Coelho	
Corpo e angústia	73		
<i>Body and anxiety</i>			
Daniel Paola			
O pequeno incrível Hulk – questões sobre o duplo	80		
<i>The little incredible Hulk – questions about the double</i>			
Fernanda Pereira Breda			
Peter Pânico	90		
<i>Peter Panic</i>			
Otávio Augusto Winck Nunes			

A angústia tem sido apontada como responsável por um sem número de “males” físicos e psíquicos que acometem o homem moderno. Também tem sido considerada tributária do estilo de vida contemporâneo, notadamente caracterizado pela contração temporal, perda da referência à tradição, queda das ideologias e relativização da verdade.

Travestida de estresse ou de ansiedade, ela tem levado muitos a recorrerem à psicanálise, à medicina, a terapias alternativas, à religião, e a psicofármacos. Tão grande é sua presença no discurso social que, hoje, até parece que a angústia dá pânico.

Porém, que fique bem entendido, não se pretende, com isso, menosprezar o sofrimento, muitas vezes dilacerante, experimentado por aquele que se vê na iminência de sucumbir a uma violenta crise de pânico.

Outrossim, o que se quer enfatizar é a pequena margem de tolerância de que dispomos: ante o menor sinal de angústia, surge o pânico de uma parte do eu. Não se trata aqui de jogo de palavras, mas de interrogar essa espécie de curto-circuito entre angústia e pânico.

Ao longo da obra freudiana, duas são as teorias formuladas sobre a angústia. Na primeira, é uma energia psíquica, a qual, por não encontrar representação, é descarregada sob forma de tensão física. Na segunda, trata-se de um sinal de alarme frente a situações traumáticas associadas ao desamparo infantil, com vistas ao acionamento do recalque e da formação sintomática.

Teorias não excludentes – importante frisar – e que permitem conceber a angústia como constitutiva do sujeito. Enquanto falante, ele surge dividido entre

o ser e o Outro da linguagem, sob a forma de significante. O que resta como irrepresentável dessa operação de corte – nomeado por Lacan de objeto *a* – é o que doravante mediará a dialética do sujeito com o Outro como causa de desejo, inscrevendo-se como perdido no fantasma originário. Daí a emergência da angústia estar condicionada ao reencontro do objeto irremediavelmente perdido.

Bem, a vida é prenhe de objetos perdidos; eles estão por toda parte. Prova disso são as chamadas crises evolutivas – ou, como preferimos, momentos de passagem: adolescência, maternidade, vestibular, separações. Não há quem os atravesse sem boa dose de angústia. Ocasões em que o sujeito não mais se reconhece no traço significante do desejo do Outro, que até então o representava. Contextos em que a demanda endereçada ao sujeito o interpela, a mostrar que ele é quando ainda não tem condições de sê-lo. Ter de fazer a aparência, como o faz um ator em cena, pode ser algo extremamente angustiante quando se trata da vida real. Sem um roteiro que o oriente, o sujeito desconhece a *persona* que o Outro vê nele. E se o Outro fosse uma louva-a-deus gigante, como brinca Lacan? Sabemos o que ela faz com seu parceiro no final do encontro.

Situações como essas requerem uma reorganização sintomática que comporte o saber sobre uma nova versão fálica do objeto, cujo traço significante terá por função re(a)presentar o sujeito para o desejo do Outro. Na ausência do significante da falta, a demanda do Outro revela a sua face insuportavelmente persecutória da louva-a-deus. Eis a angústia.

Vale lembrar que o estado clínico denominado por Freud de neurose de angústia, em 1895, é renomeado a partir do DSM III como transtorno do pânico e transtorno de ansiedade generalizada. A primeira entidade nosográfica corresponderia à descrição freudiana da crise aguda da angústia propriamente dita; a segunda, à descrição do estado de angústia crônica e flutuante, o qual, segundo Freud, apresentava-se entre uma crise e outra. Na década de 80, essa nomeação psiquiátrica do pânico foi tão divulgada na mídia, através da propaganda dos laboratórios farmacêuticos, que acabou incorporada ao discurso social.

Sabemos que o traço significante que cada um destaca do Outro para se representar tem estreita relação com os saberes e as representações fálicas que cada cultura produz. Isso significa que cada época produz seus sintomas e suas versões do objeto a ser oferecido como o que falta ou escapa ao saber do Outro do discurso social; ponto de emergência do sujeito dividido a ser situado justamente nas brechas desse discurso.

Assim é que, na Idade Média, foi a vez do demônio retornar no corpo do crente que padecia de neurose demoníaca. Na era vitoriana, a da sexualidade



retornar no corpo reprimido da histérica. Qual seria o Outro que retorna no corpo daquele que sofre de neurose de angústia ou síndrome do pânico?

A angústia é um alerta de que, se não controlarmos por completo o que o Outro vê em nós, arriscamos a perder a cabeça. Tarefa impossível, diga-se de passagem, pois mesmo a mais extensa cadeia significante nunca será suficiente para cobrir o discurso do Outro.

O Outro nos olha, mas seu desejo está além e aquém de nosso corpo. A máscara tem sua importância fundamental, mas para além dela há a dimensão do desejo que ultrapassa a *persona*. Colocar o corpo como resposta ao desejo do Outro é um dos efeitos de nossa forma de lidar com a angústia, cuja estrutura é a mesma do fantasma fundamental: a um Outro desejante eu me ofereço como objeto. Já pagamos com “uma libra de carne” desde o início. Perdemos o objeto muito antes de nos darmos conta de sua distância.

A angústia é sinal dessa estrutura, sinal para o outro da heterogeneidade de nossa relação com a linguagem. Angústia é um afeto, mas um afeto primordial que sinaliza o quanto estamos todos a-fetados pela linguagem.

TEXTOS

SOBRE O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM FREUD¹

Cristian Giles²

Resumo: O artigo faz um percurso sobre o conceito de angústia na obra freudiana, trabalhando em torno das duas teses consagradas pelo autor: o recalque como causador da angústia, e a angústia como causa do recalque. O texto estende suas reflexões através de elementos de um caso clínico, no qual a angústia se apresenta como sinal de alerta para o analista na direção da cura.

Palavras-chave: angústia, recalque, desamparo, sinal de angústia, trauma.

ON THE CONCEPT OF ANXIETY IN FREUD

Abstract: The article follows the concept of anxiety in the work of Freud, dealing with the author's two recognized theses: repression as causing anxiety, and anxiety as causing repression. The text expands the reflections through elements from a clinical case, in which anxiety is present as an alert signal to the analyst in the direction of the cure.

Keywords: anxiety, repression, helplessness, anxiety signal, trauma.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Abertura da APPOA – *Angústia*, realizada em Porto Alegre, março de 2007.

² Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e da Associação Espaço Psicanalítico (Ijuí); Mestre em Psicanálise e Psicopatologia /Universidade Paris 13 (França); Professora da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). E-mail: giles@unijui.tche.br

A temática da angústia ocupa lugar importante tanto na clínica de Freud como no desenvolvimento teórico da psicanálise. Para Freud, a angústia sempre foi um enigma, quanto a sua natureza e seu destino.

É comum falarmos nas teorias freudianas sobre a angústia. Entretanto, o fundamental é a dialética que esse conceito desdobra e a forma com que vai sendo reformulado por Freud, na medida em que avança na construção da psicanálise. Portanto, há que se levar em conta o contexto teórico em que se inscrevem tais formulações.

Dois teses se consagram na obra freudiana: na primeira, é dada ênfase ao recalque como produtor de angústia; na segunda é a angústia que cria o recalque. A existência da segunda tese não significa a substituição da primeira. Nem sequer representa ruptura; ainda que Freud tenha dado prevalência à última, não abandonou a primeira formulação. Elas representam momentos distintos da elaboração da psicanálise e da relação dessa elaboração com o conceito de angústia. Assim, a passagem de uma teoria à outra não seria possível sem a construção e a distinção entre as diferentes instâncias psíquicas, sem a teoria das pulsões e, particularmente, sem o encontro com a pulsão de morte.

Devido à complexidade da temática, a análise a seguir centraliza-se nos textos freudianos que tratam diretamente do tema, desde o *Manuscrito E* (Freud, [1950] 1992) até o artigo *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, [1926] 1992) e *Angústia e vida pulsional* (Freud, [1933] 1992).

A construção da primeira teoria está relacionada às ferramentas clínicas para a análise diagnóstica diferencial entre as neuroses atuais, particularmente a neurose de angústia, e as psiconeuroses de defesa.

Uma questão inicial relativa à primeira teoria da angústia se coloca: será que nesta já não se prenuncia aquilo que virá a constituir a segunda teoria, a saber, a relação entre angústia e trauma? Será que Freud já não tem em mente uma angústia anterior ao recalque, ou seja, fora da lógica fálica?

Ao se deter nas neuroses atuais, Freud as define como uma disfunção atual e real no campo da excitação sexual, a qual, por não encontrar expressão simbólica, transforma-se diretamente em angústia; razão que o leva a caracterizá-la como uma angústia fora do recalque. Já nas psiconeuroses de defesa, o autor enfatiza a dimensão psíquica do conflito, ou seja, “coloca a ênfase nos símbolos mnêmicos de conflitos psíquicos da história infantil do paciente, e que ele mesmo, o paciente, não sabe” (Rocha, 2000, p. 49). Assim, temos, por um lado, a dimensão somática nas neuroses atuais; por outro, a dimensão psíquica nas psiconeuroses de defesa.

Na neurose de angústia, a tensão física cresce, alcançando seu valor de umbral, com o qual poderia despertar o afeto psíquico. No entanto, devido a

vários fatores, a elaboração psíquica permanece insuficiente, já que incapaz de ligar a excitação sexual aos seus representantes pulsionais que lhe permitiriam significação, sendo-lhe impossível chegar à formação de um afeto sexual. Assim, à falta de condições psíquicas, a tensão física não ligada se transforma em angústia. Isso levará Freud a colocar-se uma importante questão: de onde vem a angústia, e como ela se manifesta na neurose de angústia? A angústia, dirá ele, se manifesta como uma energia livre e flutuante, a qual gera uma ansiedade expectante; com o que teremos também os ataques de angústia com repercussões somáticas.

Nesse sentido, na neurose de angústia, encontramos um decréscimo da libido sexual, ao mesmo tempo que um acúmulo no organismo de excitação somática de forma contínua, à espera de ligação adequada a fazer algum sentido. Freud aqui sustenta que a angústia é a consequência da impossibilidade do sujeito em elaborar psiquicamente a excitação sexual, uma incapacidade de transformar sua energia em algum sentido. Por isso, “a fonte de angústia não tem que ser procurada dentro do psíquico, ela se situa no físico, o que produz angústia é um fator físico da vida sexual” ((Freud, [1950] 1992, p. 229).

A falta de compromisso, como diz Fuks (2001, p. 23), bem sucedido entre a força pulsional e as organizações do eu foi a razão que levou Freud a situar a etiologia das neuroses atuais como puramente física, ligada ao corpo real.

Assim, nesse estudo sobre a neurose de angústia, Freud dá destaque particular aos ataques de angústia, caracterizando-os como tensão sexual intensa que não pode contar com a elaboração psíquica. Nesse sentido a necessidade de ligá-los a uma cadeia de representação. Será que é possível aqui vislumbrar o que Freud anunciará sobre a teoria de angústia ligada ao desamparo?

Com relação às psiconeuroses, teremos a entrada da libido psíquica, o que, portanto, indicará outro destino da angústia. Freud, a partir dos sintomas histéricos e obsessivos, percebe o acúmulo de tensão sexual psíquica. Aqui já se coloca a idéia de transformação da excitação sexual, do excesso de libido, em angústia. E é essa idéia que levará Freud a sua primeira tese: a angústia decorre do recalque, ou, é o recalque que cria a angústia. Temos aqui estabelecida a articulação entre recalque, pulsão e angústia.

Freud dá prevalência ao papel da angústia pulsional nos conflitos que estão na base das psiconeuroses de defesa. Com a introdução da angústia pulsional, temos também o perigo pulsional, um perigo interno e que não pode ser solucionado pela fuga; é contra esse perigo que o eu constrói o recalque como defesa.

O recalque, diz Freud, é o que cria a angústia. Devido a ele, o representante da representação separa-se do afeto com o qual estava ligado. O afeto pode ter vários destinos, entre eles sua transformação em angústia.

Essa ligação da angústia com a libido recalçada conduz Freud a examinar a função defensiva da angústia, na medida em que o recalque está relacionado a uma situação de perigo, que é sempre pulsional.

Será na Conferência 25, das *Conferências de introdução à psicanálise* ([1917] 1992), considerada ponte de união entre os primeiros escritos – sua primeira tese – e o texto *Inibição, sintoma e angústia* ([1926] 1992), que Freud retomará a noção de perigo. E apresentar-nos-á aqui a angústia neurótica junto à angústia realista.

A angústia realista é algo racional e compreensível, afirma Freud ([1917] 1992). Ela é uma reação diante da percepção de perigo externo. O autor distingue dois modos de desenvolvimento da reação da angústia diante de um perigo real: um estado de prontidão e disposição que prepara para o perigo, e o processo propriamente de angústia. Esse processo, quando se limita a produzir um sinal, tem como finalidade mobilizar as defesas do eu, a fim de que a reação de angústia seja controlada. Quando isso não acontece, a libido domina todo o quadro da reação de angústia, tornando-se, esta, paralisante, sem nenhuma finalidade adaptativa. É uma reação normal e prepara o sujeito para se defender do perigo, seja fugindo da situação ou do objeto que o ameaça, seja enfrentando-os, caso esteja preparado para isso.

Freud, porém, irá questionar essa angústia realista, uma vez que nada garante que a angústia real seja defesa contra a ameaça de perigo. Pois, ultrapassando certo grau de desenvolvimento, a angústia, ao deixar de facilitar a fuga, pode paralisar o sujeito e deixá-lo incapaz de se defender. O acionamento da fuga é o sinal que o sujeito encontra na própria angústia, mas quando esse sinal se torna intenso, perde sua função defensiva e se torna função paralisante, impedindo a fuga. O próprio autor indica que essa noção defensiva da angústia deverá ser revisada.

“Que perigo é este?”, questiona-se Freud. Frente à reação de angústia diante do perigo, ele distingue dois aspectos: o estado de disposição e o de prontidão. São esses dois estados que preparam o eu frente ao perigo e ao desenvolvimento da angústia que pode invadir o mundo do eu, tornando a angústia insuportável.

Essa angústia como disposição preparatória para o perigo é uma noção que vai tomando prevalência na teoria de Freud. É nela que o autor recoloca a angústia com relação ao eu. Frente ao perigo externo, temos a fuga como proteção; mas diante de um perigo interno, pulsional, temos o recalque. O eu retira seu investimento dos representantes psíquicos da pulsão e usa esse investimento para liberar o sinal de desprazer, resultando, assim, numa angústia suportável, que mobiliza as defesas do eu a fim do que o perigo pulsional não o encontre despreparado.

Se essa preparação não acontece, temos o desenvolvimento da angústia, a qual se torna insuportável e invade o eu, deixando-o desamparado.

A angústia neurótica, à diferença da realista, é uma angústia flutuante ou um estado geral de ansiedade no qual o sujeito se angustia sem saber exatamente a causa disso. Esse estado indeterminado de angústia quase sempre, nos diz Freud, se reveste de uma expectativa de algo ruim.

Existe uma relação entre essa expectativa angustiante e a libido. Assim, a quantidade de libido, disponível no eu para seus investimentos, pode, portanto, não ser aplicada, gerando uma expectativa angustiada. Isso pode acontecer, ou pela imaturidade do eu, que não consegue ligar sua libido a uma outra representação, ou devido a um modo inadequado de satisfação, ou ainda por causa do recalque.

Ainda que não convencido da relação entre angústia e libido, Freud afirma que quando a libido falta e se está frente a uma experiência de frustração, aparece em seu lugar, a angústia.

Na reformulação da teoria da angústia, em 1926, Freud dá ênfase especial àquela originária, ligada ao protótipo do ato de nascimento como fonte última da angústia: “A primeira vivência de angústia é a do nascimento, e significa a separação da mãe, poderia comparar-se à castração da mãe” (Freud, [1926] 1992, p.123).

Para tal reformulação, o autor se valeu de sua modificação da teoria das pulsões, mais especificamente da pulsão de morte. Nessa ocasião já tinha em mãos a nova tópica – Isso, eu e super-eu –, a qual certamente acompanha sua segunda tese da angústia.

O eu é o lugar da angústia, é a instância que sente e percebe a angústia. Contudo, o eu também se torna produtor de angústia, na medida em que faz dela defesa contra uma situação traumatizante.

Freud revê o papel da angústia realista em relação à pulsional. A angústia realista ou real, nesse contexto, aparece quando é relacionada com a angústia de desamparo, modelo de todas as formas de angústia. A angústia de desamparo está para Freud estreitamente ligada à de castração.

Na primeira teoria, a angústia pulsional ocupou o primeiro plano e tinha sua explicação na transformação da libido recalçada. Freud, mesmo questionando essa forma de angústia, não a abandona por completo, uma vez que essa transformação é sem dúvida um dos destinos do afeto, quando se separa da representação. O que ele aí interroga é se a transformação da libido recalçada poderia explicar a natureza mesma da angústia.

Percebe-se neste momento o início de uma nova forma de pensamento, mais liberada da teoria econômica, apesar de ainda a manter presente. Até

então, a angústia tinha sempre uma origem derivada, já que resultado da transformação automática da libido recalçada. A partir daí, Freud toma outra linha de reflexão, na qual os estados afetivos são vistos como segmentos de vivências traumáticas muito antigas, que, quando revividas em situações análogas, são lembradas como símbolos mnêmicos da vivência traumática originária.

Quando Freud passa do registro das neuroses atuais para o registro das psiconeuroses de defesa e a libido física cede lugar para a libido psíquica, continua pensando que a angústia teria explicação econômica, sendo fruto de uma transformação da libido psíquica recalçada: separado de sua representação, o afeto tinha freqüentemente como um dos destinos a transformação em angústia. Logo, Freud concluía que o recalque era anterior à angústia.

É justamente essa tese que é colocada em questão, quando ele repensa a natureza da angústia e a ressitua face à noção de perigo. O recalque não causa a angústia, é a angústia que causa o recalque. Não é o recalque da libido que explicaria a angústia. É porque se tem medo da angústia que se recalcam os desejos inconscientes quando estes representam situação ameaçadora para o eu. Assim, a angústia estaria presente antes do recalque, desde o começo; ela é primária, anterior ao recalque.

Além da angústia pulsional, causada pelo perigo pulsional – o que Freud sempre reconheceu –, deveria existir, nos diz ele, uma angústia originária, que servisse como protótipo para todas as angústias que se repetirão em nossa vida. O nascimento proporciona aos homens uma tal vivência prototípica, que Freud ([1926] 1992) afirma que podemos ver o estado de angústia como reprodução do trauma do nascimento.

Devido à imaturidade do ser humano, o nascimento é vivido como experiência de desamparo. A influência do mundo exterior é maior, a diferenciação do *eu* e do *Isso* é adquirida precocemente, os perigos do mundo exterior aumentam de importância, e o valor do objeto que pode proteger desses perigos é enaltecido. Freud dirá que o fator de imaturidade concernente ao desamparo do recém-nascido está na origem das primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado.

Como essa experiência de angústia no ato de nascimento não é integrada pelo recém-nascido como experiência, é então vivida como traumática. O recém-nascido se encontra num estado de desamparo e é ameaçado pelo perigo de aniquilamento, uma vez que ele não pode produzir a representação psíquica dessa situação traumatizante, nem mesmo vivê-la como experiência de separação. Ele a vivencia no seu corpo, como angústia de morte ou destruição.

O recém-nascido não tem ainda as condições de poder reconhecer a mãe como objeto de investimento, não dispõe de meios para fazer uma repre-

sentação da angústia de separação. “Assim, a angústia originária estaria mais ligada ao estado de desamparo que propriamente à experiência de separação. A vivência arquetípica do nascimento é a vivência prototípica da angústia originária” (Rocha, 2000, p. 109).

Freud faz uma elaboração a partir da relação do recém-nascido com o objeto de investimento, a mãe. Quando a criança é capaz de investir a mãe como objeto de amor, mas ainda não consegue distinguir sua ausência temporária da perda definitiva, precisará ver a mãe para saber que existe; se não, é como se ela desaparecesse, e imagina que a perdeu. A perda da percepção equivaleria à perda de objeto. Nesse caso, temos mais uma situação traumática do que propriamente uma situação de perigo.

Serão as vivências de repetição que permitirão à criança preparar-se para controlar a situação, não deixando que a situação traumática a domine. Por outro lado, quando a experiência ensina à criança que a perda da percepção do objeto não é necessariamente a perda do objeto, uma situação nova de perigo pode aparecer como manifestação da angústia de separação. Trata-se do medo da perda de amor do objeto: perder o amor do objeto pode ser tão traumatizante quanto perder o objeto.

Essa angústia de separação encontra sua expressão mais relevante na angústia de castração. Sabemos, diz Freud ([1926] 1992), que a angústia de castração é o ponto central das psiconeuroses, particularmente na fobia. A angústia de castração articula também perda e separação. Para Freud, a castração é um complexo com valor estruturante, que organiza a realidade psíquica do sujeito, sua vida fantasmática.

Nessa segunda teoria, temos a angústia como primária, ligada a uma situação traumática, em que o eu ocupa função central. O eu não apenas percebe a angústia, como também a produz, como defesa contra a situação traumática. É nesse contexto que a angústia se consagra também como sinal produzido pelo *eu* para se livrar do perigo da situação traumática.

Denominada por Freud ([1926] 1992) como automática, tal angústia surge quando o sujeito se encontra frente a alguma situação traumatizante. Quando, em situações traumáticas, o eu reproduz uma reação atenuada daquilo que foi vivido antes, ele dá a essa vivência a função de sinal, de alarme, de um pedido de ajuda para mobilizar suas defesas e não ser tomado pela angústia automática.

Ao analisar essa angústia, Freud enfatiza o estado de desamparo e de fragilidade do sujeito face a situações traumáticas. Encontrando-se sem recursos subjetivos para dar conta das mesmas, será necessário sair dessa passividade para se tornar capaz de reconhecer o perigo e tomá-lo como sinal de angústia.

Na clínica, o sinal de angústia tem função de alerta para o analista, indicando a intensidade de angústia que pode o paciente suportar. O sinal “convoca o analista a prestar atenção ao quantum de angústia que emerge na sessão, e cuidar para que ela não seja uma experiência nefasta de transbordamento pulsional” (Fuks, 2001, p. 23) .

Para terminar, gostaria de trazer alguns elementos de um caso clínico, que me conduziram à problemática da angústia, particularmente em torno das noções de angústia traumática e de angústia como sinal, ou apelo, assim como a angústia na sua função de alerta, fundamental na direção da cura.

Trata-se de um jovem de 26 anos que me procurou para atendimento. Na primeira entrevista, falou de sua falta de ar, do sentimento de enlouquecer ou de se perder, das palpitações que sente, enfim, de sua angústia. Ao falar, caminhava de um lugar ao outro. Parecia que caminhar era a forma que tinha para não desvanecer; e sua fala cortada, repetindo as primeiras palavras das frases, parecia uma tentativa de se agarrar e não perder o sentido, ou dar um sentido às mesmas. Falou que se drogava há muitos anos, tendo começado com o consumo de maconha e ultimamente apelado à cocaína. Há tempo que não está bem, que sente uma angústia que não o deixa. Quando se droga, ela se ameniza, a droga o acalma um pouco; mas, tão logo o efeito passa, fica pior.

Diz que conhece quase todo o Brasil, que viaja desde seus 15 anos, sem nunca ter se fixado num lugar. Agora estava ficando na cidade, pois é proprietário de um empreendimento.

Repete seguidamente que não suporta essa angústia que o acompanha. Na saída, na porta, ele diz o seguinte: “Minha mãe morreu de uma forma trágica, ela se suicidou... Foi o que me contaram”. Chamou minha atenção a ênfase dada a esta última frase.

Marquei uma consulta para o outro dia. No horário marcado, recebi o telefonema de um psiquiatra ao qual o paciente pedira internamento e medicação. O telefonema havia sido solicitado pelo paciente. Após essa internação, o paciente retorna a me procurar.

Esse paciente, como diz, viveu desde seus 15 anos em várias cidades do Brasil, que tinham em comum o fato de serem cidades litorâneas e turísticas. Mantinha-se vendendo diversos produtos na praia, vivia em hotéis baratos e às vezes dormia ao relento. Coloca que nunca fez um laço mais próximo e que quando isso poderia acontecer ele precisava mudar de cidade.

Durante o tempo que o escutei, os relatos eram de sua rotina, sem narrativa, poucas lembranças. Ele tem uma irmã menor, é o único que soube. Sua mãe morreu quando ele tinha quatro anos. Conta que num dia sua mãe estava em casa; no outro, estavam enterrando-a em outra cidade. Recorda-se de que

na noite anterior à morte da mãe, fora dormir com sua irmã. Acordado no meio da noite, fora levado junto com a irmã para o interior, na casa de seus avós maternos. Lembra que, no dia seguinte, no velório, os olhares das pessoas pareciam-lhe olhares suspeitos, evasivos e de piedade. Disseram-lhe que sua mãe tivera um ataque cardíaco e não resistiu.

A partir daí, passou a morar com os avós. Seu pai morava em outra cidade e o visitava de vez em quando. O paciente fez questão de frisar que o objetivo das visitas do pai eram mais de controle – verificar se estava se comportando bem – do que propriamente afetivas. Ao completar doze (ou treze) anos, em conversa com o pai, este lhe confessa sua dificuldade em recuperar-se da morte da esposa, ocasião em que lhe comunica que ela havia se suicidado. O paciente acrescenta que certa vez já havia escutado de uma tia essa mesma afirmação, porém nunca conseguira questioná-la.

Um fato vem marcar a direção do tratamento. O paciente obtivera a aprovação de empréstimo bancário para tocar seu empreendimento. Seu pai, ao saber disso, telefona ao banco, dizendo que o filho não iria cumprir suas obrigações, já que se drogava. O banco suspendeu o empréstimo.

A partir desse episódio, algo se coloca na transferência como obstáculo, resistência. O paciente começou a faltar às sessões, a criar situações de brigas no ônibus e no trabalho, apresentando sempre como justificativa de seu envolvimento o fato de um homem faltar com o respeito a alguma moça que se encontrava no local.

Quando vem à sessão, a angústia, que já havia cedido um pouco, retorna de forma insuportável e principalmente durante as consultas. Passamos caminhando durante algumas sessões, ele com muita dificuldade de falar; outras, de muito silêncio. É somente depois de duas sessões que escuto uma frase que vinha se repetindo antes de ele ir embora: dizia não poder me pagar naquele dia, mas que eu “podia crer, que eu tinha que acreditar que ele ia pagar”. Respondo que acredito, mas que sobre isso nós tínhamos que conversar na próxima sessão. Tanto as atuações (brigas), quanto a repetição dessa frase alertaram-me: algo estava em jogo na transferência.

Na sessão seguinte, o paciente chega muito angustiado; aos poucos vai conseguindo relatar que estivera com seu tio, irmão da mãe. Este suspeitava que ele havia furtado dinheiro da avó materna. Ela havia entregado dinheiro a alguém que dissera ser essa a condição para o envio de um seguro de seu falecido marido. O paciente diz: “pelo olhar e a forma como o meu tio falou comigo, ele acha que eu estou metido nesse crime”. Ao ser questionado sobre os motivos que levariam o tio a pensar assim, ele começa a falar que o pai pensa que ele é um irresponsável, “ele certamente pensaria que sou eu o crimi-

noso”. Nesse momento, fica quieto e diz forte: “Você escutou? Esse bum (um tiro).

Autorizo-me a partir desse real, desse barulho, desse *bum* alucinatório, e dos significantes do seu discurso para fazer uma intervenção. O paciente começa a chorar compulsivamente, dizendo que sua mãe estaria viva se ele não tivesse nascido. Segundo ele, a mãe casou porque estava grávida dele. Diz ainda: “Eu desconfio que meu pai matou minha mãe; não vi nada; acho que minha mãe não gostava mais dele; será que não foi ele quem matou? A mim, me falaram que ela se matou”.

Na seguinte e última sessão, levei uma surpresa muito grande. Inicialmente, porque o paciente comunicou-me que essa seria a última vez que viria, e porque noto seu entusiasmo. Pela primeira vez o via sorrir. Há tempos atrás, ele havia recebido uma proposta de trabalho de um hotel, o que, ao mesmo tempo, lhe possibilitaria fazer uma formação nessa área. O que chamou minha atenção é que ele falava disso como se fosse a primeira vez: “Você sabe que recebi uma ótima proposta, não posso recusar, decidi ir embora”. No final da sessão, pede meu número de conta bancária para enviar o que me devia.

Esta foi a última vez que o vi. Certamente me deixou uma questão com relação a sua saída: tratava-se propriamente de um ato ou de uma passagem ao ato? Depois de quase nove meses, recebo uma mensagem na minha secretária eletrônica, com a seguinte fala: “Estou lhe mandando o que lhe devo. Obrigado por tudo”.

Assim, se a angústia é um real que não engana, Fuks diz:

[...] ela permite sinalizar ao analista, de que o sujeito está passando pela experiência de encontrar-se com alguma coisa que permanece estrangeiro ao simbólico, e dependerá da condução do tratamento para o sujeito poder afirmar sua singularidade (Fuks, 2001. p.24).

Freud sempre levou em conta, na sua clínica, o fator da angústia. A angústia continuará até o final da sua obra como conseqüência do fator traumático e como sinal de ameaça que leva o Eu a efetivar o recalque.

REFERÊNCIAS:

- FREUD, Sigmund. Manuscrito E. Fragmentos de la correspondência con Fliess [1950]. In: _____ *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 1.
- _____. Sobre la justificación de separar de la neurastenia um determinado síndrome en calidad de “neurosis de angústia” [1895]. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 3.
- _____. A propósito de las críticas a la “neurosis de angústia” [1895]. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 3.

- _____. Las neuropsicosis de defensa [1894]. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 3.
- _____. Analisis de la fobia de un niño de cinco años [1909]. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 10.
- _____. La angústia. 25ª conferencia [1917]. Conferencias de introducción al psicoanálisis. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 16.
- _____. Inibición, sintoma y angústia [1926]. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 20.
- _____. Angústia e vida pulsional. 32ª conferencia [1933]. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992. v. 22.
- FUKS, Betty Bernardo. Notas sobre o conceito de angústia. *Estudos e pesquisa em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2001. p. 9-24.
- ROCHA, Zeferino. *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. Rio de Janeiro: Escuta, 2000.

Recebido em 6/08/2007

Aceito em 26/10/2007

Revisado por Valéria Rilho

TEXTOS

PÂNICO: UMA NEUROSE DE ANGÚSTIA¹

Nilson Sibemberg²

Resumo: O texto propõe uma leitura psicanalítica do diagnóstico psiquiátrico de Síndrome do Pânico, perpassada pelas elaborações freudianas sobre a neurose de angústia na primeira tópica, assim como o desenvolvimento do conceito de angústia nos textos que compõe a segunda tópica de sua obra.

Palavras-chave: Pânico, neurose de angústia, desamparo, sexualidade, morte.

PANIC: AN ANGUISH NEUROSIS

Abstract: The text proposes a psychoanalytic understanding of the diagnosis of Panic Disorder supported by Freud's elaborations on anxiety neurosis in his first topography, as well as the development of the concept of anguish in some texts that form the freudien second topography.

Keywords: Panic, anguish neurosis, forlornness, sexuality, death.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Abertura da APPOA – *Angústia*, realizada em Porto Alegre, março de 2007.

² Psicanalista e Psiquiatra, Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Membro da equipe do Centro Lydia Coriat. E-mail: nsibemberg@gmail.com

Freud, ao longo de sua obra, buscou dar estatuto de conceito psicanalítico a esse afeto que faz parte da existência humana, a angústia. Suas posições podem ser situadas em dois momentos. Em 1895, no texto *A neurastenia e a neurose de angústia*, ele a define como afeto resultante de uma excitação sexual não consumada que, não encontrando representações sexuais capazes de permitir elaboração psíquica, terminava por ser descarregada na forma de angústia. Já em *Inibição, sintoma e ansiedade* ([1926] 1976), sem abandonar por completo suas primeiras formulações, ele passa a defini-la como sinal de alerta que anuncia um perigo ao eu. Nesse último texto, passando pelas distintas estruturas da neurose, ele refere que a fobia seria a formação clínica que melhor poderia servir de exemplo para analisar as relações entre a angústia, o sintoma e a inibição. Toma o caso do pequeno Hans como apoio para suas construções teóricas.

Neste trabalho, procuro revisar algumas questões relativas à síndrome do pânico, ou neurose de angústia como era chamada por Freud, levando em conta os conceitos por ele elaborados sobre a angústia, tanto na primeira quanto na segunda tópica.

A angústia é um afeto que costuma estar presente em momentos cruciais da construção da subjetividade. Em “A angústia e a vida instintiva”, texto das *Novas conferências introdutórias* ([1932] 1976), Freud assim escreve:

Se nos detivermos um pouco nessas situações de perigo, podemos dizer que, de fato, para cada estágio do desenvolvimento está reservado, como sendo adequado para esse desenvolvimento, um especial fator de ansiedade. O perigo de desamparo psíquico ajusta-se ao estágio da imaturidade inicial do ego; o perigo da perda de um objeto(ou perda do amor) ajusta-se a falta de auto-suficiência dos primeiros anos de infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e, finalmente, o temor ao superego, que assume uma posição especial, ajusta-se ao período de latência (p.111).

No entanto, por mais que ela seja um afeto característico da existência do ser falante, há situações em que assume uma intensidade transbordante, que paralisa o sujeito diante do medo da loucura ou da morte, em meio a uma série de manifestações físicas que lhe fogem ao controle.

No texto de 1895 Freud descreveu desta maneira uma crise aguda da angústia:

... pode irromper subitamente na consciência sem ter sido despertada por uma seqüência de representações, provocando assim

um ataque de angústia. Esse tipo de ataque de angústia pode consistir apenas no sentimento de angústia, sem nenhuma representação associada, ou ser acompanhado da interpretação que estiver mais à mão, tal como representações de extinção da vida, ou de um acesso, ou de uma ameaça de loucura, ou então algum tipo de parestesia (similar à aura histérica) pode combinar-se com o sentimento de angústia, ou, finalmente, o sentimento de angústia pode estar ligado ao distúrbio de uma ou mais funções corporais, tais como a respiração, a atividade cardíaca, a inervação vasomotora, ou a atividade glandular. (p.94)

A descrição prossegue assinalando as manifestações cardíacas, como palpitações, arritmias breves, taquicardia; as respiratórias, como dispnéia nervosa, sensação de falta de ar análoga a uma crise de asma; sudorese; tremores; ataques de bulimia; diarreia; tontura; vertigens; parestesias; etc. manifestações corporais que são seguidas de angústia duradoura, que manifesta a expectativa do retorno de uma nova crise, um estado de ansiedade antecipatória flutuante. Esse estado foi chamado de “neurose de angústia”.

A nomenclatura dada por Freud para essa condição clínica acompanhou as classificações psiquiátricas até meados da década de 80 do século passado. A reformulação do capítulo sobre os transtornos ansiosos no DSM III substituiu a expressão “neurose de angústia” por “transtorno do pânico”, com ou sem agorafobia, e pelo transtorno de ansiedade generalizada. A nomeação psiquiátrica do pânico foi tão divulgada na mídia, efeito da propaganda dos laboratórios farmacêuticos, que acabou incorporada ao discurso social. Sua descrição sintomática é exatamente a mesma dada por Freud em 1895.

Essa nova classificação se deu a partir dos estudos do psiquiatra Donald F. Klein, que, na década de sessenta, ao administrar o antidepressivo imipramina a um grupo de pessoas que receberam o diagnóstico de neurose de angústia, percebeu que um subgrupo respondia favoravelmente ao uso do psicofármaco, e outro não. Aqueles pacientes que apresentavam quadro ansioso caracterizado pela irrupção repentina de crises violentas e inexplicáveis de angústia, as quais eram acompanhadas por sintomas físicos muito acentuados, apresentavam melhora marcante com o uso daquele antidepressivo, mas não acontecia da mesma forma nos casos de angústia crônica.

Daí surgiram as duas novas entidades nosográficas, o transtorno do pânico e o transtorno de ansiedade generalizada, este último correspondendo aos estados de angústia crônicos e flutuantes. No pânico, o estado ansioso de espera de uma nova crise, os sintomas fóbicos, as preocupações hipocondrí-

cas, os estados depressivos e o comportamento dependente devem ser entendidos, segundo a classificação da Sociedade Americana de Psiquiatria, como manifestações secundárias ao ataque de pânico. O dito “ataque de pânico” passou a ser considerado como elemento semiológico decisivo na caracterização do novo quadro clínico.

Essas novas classificações pragmáticas, seguindo os efeitos do uso de determinado medicamento, atendo-se a diferenciações comportamentais que muitas vezes se misturam, acabam encobrendo a série de considerações metapsicológicas próprias da psicanálise sobre a neurose de angústia que até então estavam presentes nas classificações psiquiátricas (Pereira, 1999).

A primeira teoria de Freud sobre a neurose de angústia situa sua etiologia, então, no acúmulo de tensão sexual não eliminada e na ausência ou insuficiência de elaboração psíquica da excitação sexual somática, pelo qual ela não pode transformar-se em libido psíquica. Ao diferenciar as manifestações corporais sintomáticas na histeria e na neurose de angústia, ele afirma que é a excitação psíquica que na histeria toma um caminho na direção somática, enquanto que na neurose de angústia trata-se de uma tensão física que não pode passar para o psíquico e se conserva pois num caminho físico. O que nos importa nessa primeira elaboração não passa por uma etiologia situada na falta de descarga da excitação sexual como no *coitus interruptus*, mas na insuficiência psíquica para elaborar as manifestações físicas da sexualidade.

Na segunda tópica, a angústia virá sinalizar um perigo não distintamente identificado. Essa reação diante do perigo, invalidante na crise de pânico, estaria assimilada, para Freud, à reativação de uma situação traumática passada, atualizada em sua carga afetiva. As situações passadas encontram seus paradigmas no trauma do nascimento como primeira situação de perigo vivenciada pela criança; a condição de dependência absoluta do bebê e a primeira separação da mãe, situação destinada a se repetir em cada ocasião em que a ausência de objeto tiver que ter uma resolução psíquica. A problemática da angústia coloca em cena o temor da perda do objeto, seja ele materno ou de amor, deixando o sujeito exposto por vezes ao tormento da castração e da idéia de morte. O conceito de desamparo vem dar contorno ao que se passa na aterradora vivência de angústia. Para Freud, o desamparo constitui o núcleo, a significação da situação de perigo. Como nos lembra Mario Eduardo Costa Pereira, em *Pânico e desamparo*, “mesmo a angústia de castração, organizadora sexual de todos perigos, só encontra sua significação quando nos remete ao horizonte do desamparo na situação traumática”. Na falta da presença onipotente do Outro materno, representante da garantia da ordem libidinal, o que se manifesta é o temor do desabamento dessa mesma ordem.

O sujeito que sofre de neurose de angústia costuma oscilar sua presença entre dois lugares. Se apresentar agorafobia, pode ficar enclausurada na pseudo-segurança que as paredes de seu lar lhe conferem. No entanto, é comum vê-los freqüentando a emergência de hospitais e pronto-socorros. O medo da morte, apoiado nas sensações neurovegetativas que invadem seu corpo, insiste sobre seu pensamento. A queixa é de que estão vivenciando a própria morte, já que o coração entra em descompasso e o ar falta para respirar. O temor da loucura, da perda do controle egóico, aparece em um registro análogo ao da morte, que pode advir pelo desmantelamento corporal ou psíquico.

Sexualidade e morte parecem andar de mãos dadas quando pensamos na experiência do ataque de pânico.

Os mistérios da existência, incluindo aí o sexo e a morte, transcendem a individualidade do homem. São fantasmas sociais universais, cujo domínio a humanidade segue buscando, seja no discurso mítico e religioso, seja no discurso científico. Conhecer os mistérios da vida, dominar a natureza e colocá-la a serviço do homem nos protegeria dos imprevistos, da contingência do ser no mundo – inclusive de nossos próprios atos! A cada rompimento que se seguiu na história do pensamento, a cada queda nas ilusões erguidas na busca de um conhecimento em que os paradoxos pudessem ser convertidos numa síntese única, seja pela religião, pela política ou pela ciência, o homem se viu frente à frente do inevitável, com sua fragilidade, sua vulnerabilidade, seus limites.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* ([1920-21] 1976), Freud nos fala do pânico que acomete as massas quando da queda de um ideal coletivo encarnado em um líder. A falência de uma imagem onipotente colocada no lugar do ideal de eu, suporte do eu no processo de identificação, lança o indivíduo subitamente ao vazio de seu próprio desamparo. A garantia para as identificações que até então constituíam a matriz imaginária sobre a qual sustentava-se a unidade do grupo e a integridade do eu deixa de existir. Um exemplo disso foi o que aconteceu nos Bálcãs, após a morte de Tito e o esfacelamento brutal da antiga Iugoslávia.

A referência a essas situações coletivas de defesa contra o pânico nos remete às idéias fundamentais que assaltam o sujeito em meio ao turbilhão de sintomas físicos – suores, palpitações, respiração ofegante: morte ou loucura. A morte física associada à morte simbólica. Na falta de garantias, a vivência do desamparo infantil.

Winnicott, no escrito inacabado *Fear of breakdown*, trata do pânico como uma defesa extrema contra o que ele chama de agonias primitivas. São estados inomináveis que teriam sido vivenciados pelo bebê como uma terrível sensação nos planos físico e mental. Essa experiência comportaria a sensação de estar

caindo sem parar ou de vagar no espaço, com a perda da experiência de existir no próprio corpo de modo unitário. O sujeito vive a experiência siderativa de fragmentação da imagem corporal unificada. A vivência do pânico pressupõe um indivíduo que não tenha sido preparado pela mãe suficientemente boa no processo de desilusão, para tolerar a falta essencial de proteção e garantias. Ao ser confrontado inesperadamente com a própria incompletude e com a ausência da figura materna onipotente, que ele supunha poder protegê-lo de todos os perigos, o sujeito entra em crise, experimentando de forma brutal tais agonias primitivas. A precariedade na apresentação dos objetos e do *holding* materno estaria na base dessa neurose de defesa (Pereira, 1999).

Voltando a Freud, em *Inibição, sintoma e ansiedade* ele afirma que toda formação de sintoma é empreendida com o único fim de elidir a angústia. Se a formação de sintoma é impedida, surge o perigo; esse perigo que se constituiria no encontro com uma situação análoga à do nascimento. Ali o “eu” aparece desamparado frente às exigências pulsionais crescentes. O perigo estaria na repetição da primeira e mais primitiva das condições de angústia.

Freud e Winnicott nos indicam que na raiz dessa angústia transbordante do pânico existe uma insuficiência simbólica para lidar com o real das manifestações corporais. A precariedade do corte simbólico leva o sujeito à experiência do desamparo. Costa Pereira (1999) sustenta a tese de que:

... o pânico constitui uma modalidade particular de confrontação do sujeito com o desamparo fundamental dizendo respeito à linguagem.(...)como estado afetivo que se instaura quando o aparelho psíquico, vendo-se radicalmente confrontado com o hilflosingkei – sua dimensão de desamparo fundamental – descobre, com terror, que o lugar onde esperava encontrar a presença concreta de um fiador da estabilidade de seu mundo, está fundamentalmente vazio (p.37-38).

Em se tratando da constituição subjetiva poderíamos, com Winnicott e Lacan, situar a falha simbólica no exercício da função materna, ali onde ela inscreve, pela via da linguagem, o nome-do-pai sobre o corpo do bebê. É com sua palavra desejante que o toque e o olhar materno sobre a criança adquirem o caráter significante capaz de desenhar as fronteiras de um mapa erógeno onde antes só havia o real de sensações corporais endógenas. As marcas simbólicas da falta do objeto ficam assim dispostas sobre o corpo da criança, produzindo o ordenamento do circuito pulsional. Na crise de pânico, o sujeito parece estar sem pai nem mãe.

No ataque de pânico, o sujeito tenta dar conta daquilo que escapa à simbolização. A dimensão de um gozo sexual desenfreado é co-substancial ao pânico, é o lado apavorante do sexual que se apresenta quando faltam os referentes simbólicos de ancoragem. O pânico visa à evitação do sexual inassimilável e, portanto, mortal.

Essa dimensão erógena do pânico já aparecia na antiguidade greco-romana. O termo pânico deriva do deus Pã, aquele que apavora os espíritos. Assim eram chamados os pavores sem fundamento real, inspirados pelo deus Pã. Um deus fálico, em estado permanente de ereção, mas infeliz no amor.

O real da morte escapa às possibilidades de simbolização. As crises agudas da neurose de angústia dão conta de uma experiência ligada à morte, porém situada do lado da vida. O sujeito não se queixa de que está morto, como poderia ser numa formação delirante, ele pede ajuda por estar morrendo.

Na morte não há tensão, no estar morrendo se vive uma tensão corporal incontrolável, angustiante. O que é experimentado é o que antecede o momento-limite. A repetição da experiência do estar morrendo parece uma tentativa desesperada para obter certo domínio sobre o inevitável. Diante do indizível, na falta de representação de palavra acerca deste real, o sujeito tenta em vão criar uma representação corporal que o proteja desse encontro enigmático. Uma paciente em estado crônico de angústia, com preocupações hipocondríacas, assim se refere aos momentos de maior intensidade de angústia: – “Eu fico o tempo todo preocupada com minhas doenças, parece que quero estar preparada para quando a morte chegar”.

O sujeito com neurose de angústia procura dar conta da falta simbólica com artefatos imaginários. A grande parte das primeiras crises acontece no início da idade adulta, acometendo as mulheres numa proporção de 3:1 em relação aos homens. Por que não se dão antes? Talvez porque, até o momento do desencadeamento do ataque, a dimensão do desamparo da linguagem pudesse ter estado tamponada com objetos-fiadores, permitindo a manutenção da ilusão de estar protegido por um ser onipotente e imortal. O pânico aparece com a queda desse sistema imaginário.

O tratamento psiquiátrico também contribui para a criação desses objetos imaginários, que costumam ser usados com a função de garantia. Sujeitos tratados com psicofármacos, mesmo sem ter crises por longo tempo, não conseguem ficar longe de seus medicamentos. As pílulas atuam como amuletos. O importante é que estejam por perto, para ter a garantia de que, se o ataque acontecer num momento em que o sujeito estiver desprevenido, ele possa fazer uso delas para aplacar a sensação terrificante. A falta momentânea desses objetos já é motivo para provocar estado de ansiedade. O uso do termo amuleto

aqui não é por acaso, ele vem para designar a fusão de duas formações discursivas, a da ciência sendo incorporada pela religião. O nome da patologia pode ocupar também um lugar semelhante. O paciente chega à consulta e, antes de dizer seu nome, se apresenta como sendo um "síndrome de pânico". O nome da doença parece ocupar o lugar do traço que produz a identificação, sendo que a fé na eficácia do remédio é o objeto concreto que sustenta o traço ali onde o simbólico claudica. A difusão midiática da propaganda psicofarmacológica e de determinadas patologias tem facilitado a produção desse curioso efeito.

Enfim, o ataque de pânico parece constituir um pedido desesperado de ajuda; pedido que tem como endereçamento esse Outro pré-histórico e inesquecível que jamais poderá ser igualado, o portador de todas as certezas, do sexo, da vida e da morte.

Para finalizar, Lacan nos diz, na primeira lição do *Seminário 10*, que a condução de uma análise é o manejo da angústia, e é a linguagem que nos permite dela dar conta. Porém, o dizível também tem seus limites. Repetindo o texto de divulgação desta jornada, na citação de Guimarães Rosa, "viver é perigoso". Travessia sem garantias, viver é arriscar.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia [1895]. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.3.
- _____. Psicologia de grupo e análise do ego [1921]. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.18.
- _____. Inibições, sintomas e ansiedade [1926]. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.20.
- _____. A angústia e a vida instintiva (Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise)[1932]. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.22.
- LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 10: a angústia [1962-63]. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005.
- LAPLANHE, J e PONTALIS, J.B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes editora, 1988.
- PEREIRA, Mario Eduardo Costa. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 1999.

Recebido em 15/12/2007

Aceito em 20/03/2008

Revisado por Beatriz Kauri dos Reis

TEXTOS

PORQUE A ANGÚSTIA É NECESSÁRIA¹

Alfredo Jerusalinsky²

Resumo: O texto apresenta a angústia na infância a partir do desdobramento das duas teorias freudianas da angústia, articulando-as à noção de temporalidade e ao conceito de identificação ao traço unário.

Palavras-chave: infância, angústia, temporalidade, identificação.

WHY ANXIETY IS NECESSARY

Abstract: The text presents anxiety in childhood from the unfolding of the two Freudian anxiety theories, articulating them to the notion of temporality and to the concept of identification to the unary trace.

Keywords: childhood, anxiety, temporality, identification.

¹ Transcrição da palestra proferida no Núcleo de Psicanálise com crianças da APPOA em janeiro de 2007, Porto Alegre.

² Psicanalista; Membro da APPOA, do NESF e da ALI; Autor dos livros: *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984; *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999; *Seminários I, II, III, IV e V*, publicados pela USP; *Saber falar: como se adquire a língua?* Porto Alegre: Vozes, 2008. E-mail: jerusalf@uol.com.br

Freud distingue, no terreno da angústia, algumas formas sob as quais ela se apresenta. Mas, se, por um lado, ele distingue formas de apresentação da angústia, que são várias, por outro, ele fundamentalmente distingue duas posições estruturais da angústia, e somente duas.

Começo por aqui para adverti-los de que vamos encontrar na obra freudiana referências à angústia em diversas circunstâncias: angústia pela perda do amor, angústia pela perda do objeto, angústia pelo futuro, angústia pelo destino, formações de angústia por falta de realização sexual, angústia de morte, angústia persecutória, angústia de dissolução. Ou seja, as formas de apresentação mencionadas na obra freudiana são muito diversas: angústia por ciúmes, angústia por medo, angústia que provém das formações do sinistro – e, mesmo dentro do sinistro, formas diferenciadas: a angústia de estranhamento, a provocada pelo inesperado encontro com uma representação de si recusada, e aquela que é efeito do anunciado encontro com o real da fantasia. Quer dizer, há variantes de particularidades da angústia que vale a pena percorrer, especialmente pelo valor clínico das observações que elas contêm.

Contudo, antes de mais nada, quero deixar claro que Freud entende todas essas formas de apresentação como tributárias de duas posições fundamentais da angústia, as quais constituem suas variantes estruturais: a angústia pela falta de objeto (chamada por ele de “angústia automática”) e a angústia como sinal de alarme.

Na verdade, a angústia pela perda, pela falta de objeto, é a primeira teoria da angústia. A segunda teoria da angústia é a angústia como sinal de alarme³, mas sua elaboração não invalida a primeira, ela a incorpora. Articulam-se as duas teorias: a segunda teoria da angústia não elimina a primeira, senão que é produto de Freud ter percebido que a angústia tinha duas formações fundamentais, e não só uma como ele, inicialmente, havia pensado.

Esse desdobramento da teoria da angústia, vou lhes confessar, me resulta particularmente caro. Caro no (bom) sentido de que ele me foi muito frutífero na aprendizagem da psicanálise. Em primeiro lugar, porque foi uma das primeiras questões que me levaram a constatar que, na sistemática da obra freudiana, quando se lê uma idéia nova, não quer dizer que as idéias anteriores estejam descartadas. O que é muito importante de percebermos – até porque, na obra lacaniana, acontece exatamente a mesma coisa. Não é por acaso, seguramente. São os efeitos sobre Lacan da formação freudiana. Digo, porque está muito

³ Ver *Inibição sintoma e angústia* (Freud, [1926]1988).

na moda falar do último Lacan, ou do segundo Lacan, ou do terceiro Lacan, e há uma forte inclinação, no campo lacaniano, de se tomarem as últimas formulações de Lacan como inabilitantes das primeiras. Como se a questão dos três registros, por exemplo, não tivesse já mais importância. Isso é falso, pelo menos na letra de Lacan, não na intenção, a qual desconheço (Quem pode saber da intenção de Lacan? Somente ele – saber das próprias intenções já é um problema, imagina saber das intenções dos outros). Na letra de Lacan, isso é falso, porque uma leitura cuidadosa mostra que ele tomou o devido cuidado de deixar firmado que as questões precedentemente formuladas por ele não ficavam inabilitadas pelas substitutivas; ou seja, que o Nome-do-pai não é inabilitado pelo Pai do nome, para colocar um exemplo rápido.

Então, retomando, em primeiro lugar, o desdobramento da teoria da angústia me levou a perceber essa lógica de que uma idéia nova não invalida a anterior, o que não é um detalhe. Observo isso porque, nas outras ciências – já que considero a psicanálise uma ciência; não ciência no sentido contemporâneo, popperiano, mas ciência enquanto produtora de enunciados verdadeiros –, nas outras ciências, por razões que têm a ver com a particularidade de seus objetos e de suas teorias, é comum que uma nova descoberta desabilite as anteriores, ou as modifique substancialmente, tanto como para que as que eram dadas por certas até o momento possam se transformar em erradas. Bem, na psicanálise, justamente pela característica daquilo de que se ocupa, esta não é uma propriedade existente.

Em segundo lugar, me resulta cara essa transformação do conceito de angústia – e aqui vamos entrar já um pouco na questão da infância – justamente porque a psicanálise, como muito poucas ciências o fazem, introduz a temporalidade como variável. Em geral, as ciências positivistas – que são as que têm caracterizado a ciência contemporânea – estão constituídas por afirmações com pretensões de universalidade estática. Salvo algumas variantes da física e da astrofísica, a temporalidade não forma parte das transformações conceituais. Por exemplo, os modelos matemáticos geralmente não são temporais. Digo para tomar referências epistêmicas. A matemática se desenvolve como uma ciência atemporal; o tempo não muda nada, digamos. Uma verdade euclidiana do século III, hoje, se não for demonstrada por outra como falsa, continua sendo verdadeira. O teorema de Tales de Mileto ou até o conjunto paradoxal de Russell não incluem, dentro de sua teorização, nenhuma consideração sobre a temporalidade, nem intrínseca, nem extrínseca.

Outro exemplo é o comportamentalismo, na psicologia, o qual tem uma forte tendência a excluir a temporalidade. Considera comportamentos normais, não em relação a determinada posição temporal, senão como uma verdade

imamente, que revela o correto ou o incorreto da adaptação. Por sinal, tais afirmações se apóiam no modelo matemático da curva de Gauss, a distribuição chamada “normal”. Nesse sistema e configuração social, o comportamento tal, a ou b, é correto, adequado; o que está fora disso não é. Pareceria que a singularidade estaria defendida pelo fato de que se trata, de qualquer maneira, de uma distribuição normal aplicada a certas circunstâncias. Então, se alguém for discutir com um comportamentalista sobre a singularidade, ele vai dizer: “– Não, espera aí, isto é universalmente verdadeiro, mas para essa amostra, para essa curva de Gauss e para esse desvio *standart*. Para essa configuração, este é normal”.

O pequeno problema é que haveria, e há de fato, sujeitos incluídos, virtual ou realmente, nessa curva, que estariam muito dispostos e guerreiramente posicionados para discutir que, para cada um deles, tal comportamento não é normal. Para cada um que esteja colocado como um desses sujeitos virtuais da amostra, representado por um valor matemático estandardizado, numa determinada posição de comportamento normal devidamente encaixado. É bem provável que se conseguíssemos fazer isso de modo real (e não na mera representação virtual da aplicação do molde matemático sobre os sujeitos reais), a maior parte disso que recebe o nome de sujeito gritaria. Imaginem vocês se, de repente, fossem tomados por uma força misteriosa, a da curva de Gauss, puxando daqui, esticando para lá: – Ah! Aonde está me levando? – A um lugar normal. – Ah! Me tirem daqui, – diriam, no mínimo.

É uma falsa defesa da singularidade a que o comportamentalismo propõe. Como o livro publicado há pouco tempo – não recordo o nome da autora – com que tropecei numa estante de auto-ajuda num aeroporto, e que se chamava *Todas as respostas às perguntas mais freqüentes em terapia individual*. Justamente o que acabo de lhes dizer em relação à curva de Gauss e tudo o mais me foi inspirado pela análise detalhada das conseqüências desse título como enunciado. Porque vejam só: *Todas as respostas* – (contidas neste livro) – *da terapia individual*, ou seja, uma defesa falsa da singularidade.

A psicanálise introduz a questão da temporalidade na teorização sobre a verdade sem, nem por isso, considerá-la como uma questão relativa, no sentido do relativismo. Concebe a verdade como a ser interpretada e em determinadas circunstâncias singulares e para cada sujeito; o que não implica que ela não seja de uma extensão maior que a do sujeito que a enuncia. Extensão que – a psicanálise diz pela boca de Lacan – ninguém pode definir sem haver extensão maior que a do sujeito que a enuncia. Isto é fundamental, para que a verdade possa ser justamente julgada, para que um enunciado possa ser julgado como verdadeiro ou falso. Deve haver mais alguém que testemunhe essa verdade, não somente eu; senão, eu digo o que me dá na telha. Então, entre um delírio e um

enunciado neurótico não haveria nenhuma diferença no que diz respeito à verdade. Isso não quer dizer que um enunciado neurótico seja necessariamente mais verdadeiro que um enunciado psicótico. Até pode acontecer o contrário. E com mais frequência é o que acontece; mas quero observar precisamente que o fato de que se possa dizer que acontece o contrário, com maior ou menor frequência, é prova de que a questão da verdade tem maior extensão do que a do sujeito que a enuncia; senão, eu não poderia fazer comparações, nem contraste nenhum.

Ocorre que entre a verdade totalmente relativa, ou seja, aquela cuja extensão somente é a do sujeito que a enuncia e a verdade universal e absoluta, de Santo Tomás de Aquino, entre um e outro extremo, há extensões diversas da verdade. E quem é que pode dizer quanto de extensão tem uma verdade? Porque para o dogma teológico, religioso, o enunciado de verdade é uma verdade total, absoluta, sua extensão é infinita. Até é de admirar que nós, os humanos, tenhamos concebido uma verdade pressuposta de tal extensão; com ela, não corremos nenhum perigo de morreremos, de nossa alma ir para o céu e chegar um dia em que alguém diga: “– Não mais, seu traço já cumpriu seu tempo... aqui terminou a eternidade. A verdade enunciada pelo dogma da Igreja alcançava até 5 de janeiro do ano dois milhões, trezentos e quarenta e três mil, novecentos e cinquenta e quatro. Estamos nesta data, acabou”. Não há chance de isso ocorrer. Na Igreja, a verdade é total e absoluta. Embora São Tomás de Aquino tenha trazido isso ao terreno do humano, ou seja, à capacidade humana de enunciar essas verdades universais. Disso certamente a Igreja não gostou nem um pouco, pois, até aí, era somente ela quem poderia produzir enunciados verdadeiros. Bom, que se tenha conseguido trazê-la ao terreno do humano, isso não reduz a extensão infinita dessa verdade e dá margem à ciência atual para também produzir verdades supostamente em extensão infinita. Quando se trata de infinito, não há temporalidade.

A psicanálise não é infinita; introduz a temporalidade, mas a introduz intrinsecamente, por isso é que surge a teoria do *après coup*. Isso quer dizer meramente que as coisas hoje significam por um tempo que não é o presente, significam por uma série que está numa temporalidade que excede o presente. O que, por outro lado, é particularidade da linguagem humana, já que a linguagem dos animais, do futuro ou do passado, nada sabe. As formas de comunicação entre animais também podem ser chamadas de linguagem; no fim das contas são códigos, só que são códigos totalmente presentes. E o que nos caracteriza como humanos é, precisamente, essa temporalidade.

Por isso, que apareça na segunda teoria da angústia a questão da temporalidade é fundamental, já que justamente se trata de uma antecipação,

ou seja, do *après coup*, o que significa sinal de alarme do que ainda não aconteceu, mas que virá a acontecer se eu seguir por esse caminho. Isso é a angústia como sinal de alarme. Ou seja, textualmente, em Freud, a antecipação que o ego faz da cena da realização do desejo, na qual o que levanta o alarme é que, nesta cena, um objeto será perdido.

Um objeto, porque tem a ver com o traço unário. Porque não é qualquer objeto a ser perdido que detona o alarme da angústia. Quero dizer, objetos que a gente perde, há milhares; são quase onze de manhã, não se passaram duas horas, e já não lembro de onde deixei o livro que estou lendo; pode ser outra coisa, minha escova de dentes. Nem sei se vou encontrá-los no mesmo lugar onde os deixei; pior, não me lembro do lugar onde os deixei. Como canta um tango composto por *Lés Luthiers* – um conjunto de músicos muito talentosos, argentinos, que fazem comicidade com a música – e que refere uma mulher que o homem perdeu: “Ainda me lembro do dia em que a perdi, só não me lembro onde a deixei”. A piada nos ilustra acerca de que o objeto não tem sempre a mesma importância. O que nos faz rir nesse chiste, evidentemente, é que, na primeira enunciação *ainda me lembro do dia em que a perdi*, parece que esse objeto tem muita importância e, na segunda enunciação *só não me lembro onde a deixei*, o objeto não tem nenhuma importância. De fato, os objetos não são constantes na sua importância.

Por essa razão, dizíamos que a angústia se detona como sinal de alarme quando antecipa a perda de *um* objeto; não o objeto, embora também pudesse ser dito desse modo, mas não seria o correto, porque não se trata de um único objeto, se trata de *um* objeto que está particularmente situado numa posição que lhe outorga importância. Trata-se, em verdade, de um conjunto, ou de uma série de objetos, ou de qualquer objeto que possa, pelas circunstâncias, vir a estar sublinhado com um traço que o marca, e que o marca como pertencente à série do traço unário, ou seja, que é um objeto cuja perda alastra, leva com ela um pedaço do eu. Por isso, digo que está ligado ao traço unário. Ou seja, é um objeto que carrega algo desse traço unário.

Vocês devem lembrar que, no seminário 9, *A identificação*, Lacan ([1961-62] 2003) fala de três formas de identificação. Vou me referir somente a uma delas, que é a identificação ao traço do objeto, a um traço do objeto que não é um objeto qualquer, senão que se trata do objeto do desejo do Outro. Ou seja, objeto que falta no Outro. A identificação ao traço de um objeto, traço que constitui o signo daquilo que no outro falta. Dizendo de um modo um pouco mais simples – e conseqüentemente arriscando a perder algo da precisão conceitual –, trata-se de se identificar ao objeto do desejo do Outro. Desejar o desejo do Outro. Desejar-se ser desejado pelo Outro implica identificar-se ao objeto do desejo do Ou-

tro. Ressalto que, no que se refere a essa identificação, já que há várias maneiras de se identificar, estamos nos referindo especificamente a essa forma metonímica de identificação, pois é a um traço do objeto, diferente daquela que se daria por incorporação do objeto, por exemplo. É como se disséssemos que, desse objeto, eu me identifico a um traço, a letra F. (Nem vou lhes dizer que associações livres se produzem em mim a partir desse traço, mas cada um poderia fazer as suas, isso dá pano para manga; por mais inabilidoso que seja um analista, disso ele poderia tirar, no mínimo, cinco sessões).

Mas eu me identifico a este F. Está claro, isso é identificação ao traço de um objeto, e particularmente ao traço do objeto do desejo do Outro. Lembrando-lhes rapidamente as três formas: identificação ao traço do objeto, identificação por incorporação do objeto e identificação ao desejo do Outro, que é a identificação de maior distância do objeto. Ou seja, desejar o que o Outro deseja, não ser o que o Outro deseja, se não desejar o que o Outro deseja. É a forma mais complexa de identificação, e claro, a mais característica da neurose.

Então, só para deixar claro, estou me referindo a uma forma de identificação que é o traço do objeto do desejo do Outro, ou seja, não a qualquer objeto. Justamente, é pela via da identificação ao traço do objeto de desejo do Outro que surge isso que se chama traço unário, que não é mais do que aquele traço extremamente variável, embora sempre idêntico a si mesmo. Agora, vamos esclarecer isso. Extremamente variável, embora sempre idêntico a si mesmo, no qual nos reconhecemos. Quer dizer que quando esse traço se subtrai não nos reconhecemos. Nos sentimos estranhos. É como se fôssemos bruscamente trasladados a um planeta povoado de alienígenas; como se fôssemos brutalmente trasladados a um mundo desconhecido. Isso é a angústia como sinal de alarme. A presença antecipada da perda de um objeto que não é qualquer um, senão que é *um* entre todos, por ser *um* que carrega esse traço ao qual estamos identificados. Isso explica porque a perda de um objeto absolutamente banal, como pode ser um isqueiro ou um pente, pode nos enlouquecer, e perdemos duas ou três horas de nossa vida procurando um isqueiro que custa dois reais, do qual podemos encontrar, na esquina, quinhentos. Porque em seguida aparece a fantasia de que foi o outro que subtraiu isso que é tão precioso para nós: “– Quem me roubou?”. Claro, como não vão roubar algo que tenha tanto valor, que contenha o segredo do ser, qualquer um estaria disposto a roubá-lo. Então, começamos a vasculhar e a olhar nossos familiares íntimos com desconfiança, a ver se foi nosso filho quem roubou, ou nossa mulher, ou nosso marido. Porque é seguro que eles nos roubam, não tenham dúvida; traço unário eles roubam aos montes, o tempo todo.

Aqui situamos, então, a segunda teoria da angústia, exatamente na questão da temporalidade, pois se trata de uma série diacrônica que se faz presente sincronicamente nesse traço. Então, não é com qualquer objeto que se experimenta o sentimento de perda. Por isso é que podemos perder objetos extremamente caros e volumosos sem nos perturbarmos, enquanto a perda de um pequeno objeto, de valor monetário insignificante, pode ser insuportável para nós. Alguma vez me aconteceu – acredito que mais de uma vez – de ter esquecido onde deixara meu carro num estacionamento desses gigantescos e decidi voltar para buscá-lo no outro dia, pegar um táxi e simplesmente ir embora sem experimentar angústia nenhuma, e ainda dormir tranqüilo. Mas, no dia seguinte, perder um botão da camisa e, à noite, não conseguir dormir. Entre o carro e o botão há uma diferença de valor: na minha subjetividade o botão sai vitorioso, mas ele perde no sistema de mercado.

Bem, o aspecto da temporalidade é particularmente importante no que se refere à questão da infância. Se não houvesse um corpo de saber, de suporte do saber, como o é a linguagem humana, um *corpus* que suportasse extensões temporais sem que elas passassem a ser reais, o conceito de infância não existiria. Então, o conceito de infância é um conceito essencialmente temporal; é um conceito que pressupõe um estado transitório. O conceito de *infância* pode ser caracterizado de diversas maneiras, mas, hoje em dia, poderíamos dizer que em alguns pontos há consenso sobre aquilo que *infância* quer dizer. Por exemplo, que infância é um momento antecipatório, antecipatório de um futuro: de um futuro social, do futuro da humanidade, do futuro desta cultura, deste grupo familiar. Infância é um conceito que representa algo da ordem da história, porque ao mesmo tempo em que representa este futuro também representa o passado, o passado de cada um. Meu passado está particularizado na minha infância, assim como a infância de hoje é o futuro de amanhã – digo-o para repetir propositalmente o lugar-comum. Então, há um movimento, nesse conceito, que está ligado a um movimento temporal. Não poderia ser concebido o conceito de infância se não houvesse um modo de saber sobre a temporalidade, sobre uma temporalidade extensa muito maior do que a do presente.

Por isso que, na teoria psicanalítica, no que diz respeito à angústia particularmente, se introduz a questão da temporalidade. O que me é caro justamente pela minha dedicação à questão da infância. Levou-me a perceber, por exemplo, a importância que tem para o conceito de infância, pelo que acabamos de mencionar, que haja uma teoria que dê conta da temporalidade, e como, então, o comportamentalismo, que não dá conta da temporalidade na sua dialética diacrônico-sincrônica, é epistemologicamente inapropriado para tratar as questões da infância.

É por esse motivo que, por exemplo, no comportamentalismo ou na psiquiatria positivista, os diagnósticos costumam se dar de um modo que opera entre classificações hierárquicas justapostas e nosografias atemporais encaixilhadas. Ou seja, alguém é tal coisa; a temporalidade não conta, o que é verdadeiramente dramático no que diz respeito à infância, porque, quando se trata de um adulto, seu psiquismo já está estruturado e suas mudanças, por isso, são limitadas. Mas na infância, não. Geralmente, no adulto, as condições psíquicas acabam sendo mais limitadas ainda pela imposição de uma suposta cronicidade; entretanto, na infância, isso se transforma em tragédia, porque impor a uma criança, na qual a transitoriedade e a referência de deslocamento temporal são uma constante, impor a imobilidade temporal costuma ter consequências terríveis. Na medida em que o psiquismo do adulto, de modo geral, já está estruturado, que ele fique identificado a um traço situado de forma fixa no interior de um quadro nosográfico e sem interrogação acerca dos motivos psíquicos que o levaram a tal posição, de fato pode provocar-lhe rebeldia e até sublevação – é algo que se registra com frequência nos hospitais psiquiátricos. Mas no caso de uma criança, ser lançada a tal identificação, precisamente pela plasticidade que caracteriza o psiquismo nessa fase da vida, costuma ter o efeito de moldá-la de acordo ao padrão classificatório em que é incluída.

Na segunda teoria da angústia, a introdução desse *après coup*, que Freud nos traz e depois Lacan formaliza, nos permite interrogar justamente o que acontece com a criança. Ela encontra-se num momento extremamente delicado no que se refere à questão das identificações – acabamos de ver a relação entre angústia e identificação no que diz respeito ao traço unário. Ela também está particularmente sensível a essa questão da antecipação, do sinal de alarme, precisamente porque se trata de alguém que não está situado num presente, visto que o presente da infância é miserável. Se a criança fosse julgar a sua vida pela situação que caracteriza seu presente, teria que se declarar em falência fálica. Se uma criança vê, realmente, qual sua relação com a infância, entra **em melancolia, num ímimo, porque ela deve obediência a todo mundo, e suas realizações fálicas estão proteladas, somente conta com a fantasia para encobrir sua iséria real. Imaginem vocês, adultos, submetidos à condição de que, não se sabe em qual próximo segundo – certamente não além de 30 segundos – alguém há de dizer o que vocês têm de fazer. É terrível. Não sei quem de nós agüentaria isso; unicamente vindo de uma condição infantil.**

Decididamente, o presente da infância não é o que justifica sua felicidade. Que a infância seja lugar idealizado pelos adultos como um tempo feliz, é por vários motivos. Em primeiro lugar, porque esqueceram; em segundo, porque – é um pouco mais complicado de explicar isso – digamos que, para um

adulto, o presente tem consistência. Então lhes custa enormemente imaginar um tal ser, se colocar no lugar de alguém para quem o presente não tem quase nenhuma consistência. Refiro-me à consistência, no que diz respeito ao corpo real, que o imaginário tem. Um adulto pode se sentir tranqüilo, ou mais ou menos tranqüilo, com o fato de que sua vida está acontecendo: casou, sustentou seu matrimônio, tem filhos, será mais feliz ou mais infeliz, enfim, terá um, dois, três ou quatro orgasmos por semana, embora certamente não seja essa nenhuma tabela de medida da felicidade. Mas está vivendo, sua vida está acontecendo, ele está fazendo e desfazendo o mundo, conforme seja engenheiro ou militar. Se engenheiro, fazendo o mundo; se militar, desfazendo o mundo. Esse mundo tem armistas e desarmistas. Se é engenheiro e militar ao mesmo tempo, tem um problema. Sim, porque bombardear a ponte que acabou de construir não deve ser fácil. Mas, digamos, ele está fazendo ou desfazendo. Sua vida está acontecendo. Seus atos têm conseqüências, ele é protagonista. Por isso, para o adulto é muito difícil imaginar um ser que produza atos que não têm conseqüência nenhuma. E esse ser é a criança.

A criança pode fazer praticamente qualquer coisa sem que isso tenha conseqüências para ela. Para os outros até pode eventualmente ter, mas para ela não. Ao contrário, os atos do adulto sempre têm conseqüência para os outros e para si próprio. Não há um ato dos adultos, por mínimo que seja, que não tenha conseqüências. Até deixar a escova de dentes fora de lugar (Eu já estou preocupado, não me lembro onde a deixei). Vocês já viram uma criança preocupada com aonde deixou a escova de dentes? A mãe vai vir e vai colocar no lugar certo. Então, se ela se preocupa com o lugar aonde deixou alguma coisa é exatamente o lugar onde deixou aquele objeto que carrega o traço unário. Por isso, a criança pode se preocupar com o lugar onde está o caminhãozinho de plástico que ganhou no ano passado. E a mãe, apressada para sair, lhe diz: “– Vamos embora.” “– Não, meu caminhão, meu caminhão!” “– Mas escuta, é só um caminhãozinho de merda, e está me fazendo perder tempo agora com ele?”. E ele, se pudesse dizer toda a extensão de sua frase, diria: “– Mas sem este caminhãozinho, eu não sou ninguém. Este caminhãozinho leva um traço ao qual eu estou identificado, segundo diz o *Seminário 9* de Lacan, que você não leu, mamãe, nem eu tampouco, mas que é assim, e que se eu não levo o suporte material portador deste signo que constitui esse traço, que está na série na qual meu nome faz alguma significação, eu não tenho como me representar no mundo”. “– Ah! meu filho, se é assim, então, tudo bem. Leva.” “– Ah! Agora sou eu.” Então, ele vai com o caminhãozinho aqui, lá. E se esqueceu no metrô? Se esqueceu o caminhãozinho no metrô, o metrô deve ser paralisado e o corpo de segurança e da polícia federal inteira deveria estar procurando esse

caminhãozinho. Quer dizer, se deixassem as crianças dirigir o mundo, seria um caos.

A idealização que se tem da infância, de que as crianças são puras, de que não são egoístas, que elas sabem a verdade das coisas e que são muito mais ponderadas que os adultos é falsa. As crianças se angustiam tanto quanto nós, diríamos, pelas mesmas coisas, não em termos de objetos concretos, mas pelo traço unário que pode se perder. É nesse ponto que podemos reconhecer que a criança sofre. Custa-nos imaginar a temporalidade particular em que a criança mora, habita, porque nos custa imaginar um ser cujo presente não tenha consistência, e aí está a dificuldade de compreendermos a criança. Nós tendemos a atribuir a seus atos o mesmo valor que eles têm para nós, e aí é que nos equivocamos. Porque esses atos têm muitos e diversos valores. Numa escala entre zero e o infinito, podem ter qualquer valor, é claro que em termos fantasmáticos, de mudança da posição simbólica na relação com o outro. A criança pode ficar enfurecida, bater na mãe e, dez minutos depois, para a criança, esse ato não ter mudado nada: “– Bati na mãe.” “– Por quê?” “– Não sei, me desculpe.” “– Vem cá me dá um beijinho”. Se o marido bate na mulher, ela seguramente não relevará com tanta facilidade os efeitos desse ato. A mulher vai revidar de modo enérgico ou até violento, a menos que ela tenha uma posição infantil. Porque essa é a vantagem que temos, os adultos, que as crianças não têm, podemos regredir a um tempo cuja condição é totalmente diferente do tempo em que nós vivemos. Para as crianças, suas regressões são muito mais modestas, são mesquinhas, pequeníssimas, elas podem regredir apenas um pouquinho ao momento anterior, e não muito anterior a esta história, ou regredir ao ponto do fantasma materno. Sua liberdade regressiva é muito menor.

Então, a criança tem boas razões para ficar angustiada, e esse é o lugar, a posição, em que podemos reconhecer o sofrimento da criança mais facilmente. Para um adulto, é mais fácil reconhecer a angústia de uma criança nesse sentido, de sinal de alarme, de perda do traço unário, embora resista a isso e lhe custe compreender exatamente que importância tem exatamente esse caminhãozinho para a criança. Ainda assim, pode-se compartilhar com ela, porque, no fim das contas, é fácil se dizer a um pai: “– Você se enche o saco porque seu filho sempre quer levar esse caminhãozinho, mas eu tenho observado que você vem com uma caneta que é sempre a mesma, no bolso. Me empresta essa caneta?” “– Sim, sim”. Coloquei-a no bolso. “– Vou devolvê-la a você daqui a seis meses. Pode ficar tranquilo. Está comigo. E o que lhe causa isto?” (Um pai com quem eu estive fazendo uma intervenção extremadamente forte, porque não conseguia reconhecer no filho as razões de sua angústia). Então, ~~ele disse~~ “– Não, não. Agora entendo. Mas, por favor, me devolve a caneta”. Aí

veio uma longa explicação de como aquela caneta era um objeto de estimação que lhe havia sido dada de presente por não sei quem, não sei quando. Aí é fácil, custa um certo trabalho, mas é relativamente fácil nossa tarefa de fazer compreender a um adulto a razão da angústia de uma criança.

Comecei por esse ponto porque diria que, embora seja complexo, não é o mais complicado no que diz respeito à clínica da angústia na infância. Eu diria que nós, analistas, quando tropeçamos com esse ponto, o da angústia como sinal de alarme na infância, temos recursos para intervir. Há experiência na prática analítica – me refiro historicamente – que tem nos fornecido instrumentos de intervenção muito eficazes, que nos facilitam as coisas até o ponto de que há algumas, eu diria, quase fórmulas de intervenção, como um saber psicanalítico acumulado que tem se constituído de uma espécie de coleção de enunciados, de lugares-comuns. É comum isso, é lógico que aconteça em qualquer disciplina. Todas as disciplinas constituem isso que chamamos de *lugar-comum*, enunciados típicos que são encobridores de nossa ignorância. Digamos, como é difícil saber tudo, há pontos nos quais nos guiamos por certos indicadores e certos recursos que são tecnicados, ou seja, transformamos o saber numa espécie de técnica. “– Ah! Para isso, então tem que fazer aquilo”. Por exemplo, inicialmente, uma análise, mesmo que demandada, não começa pelo divã. Alguém discutiria isso? Vem alguém demandar uma análise, e eu não o coloco no divã na primeira sessão. Alguém colocaria? Por quê? Eu quero ver quantos poderiam dar conta, conceitualmente, da razão de que isso seja assim. E não é uma acusação. É porque, bom, às vezes, a gente percorre por certos interrogantes; às vezes, por outros, e demora mais a chegar a tais interrogantes, e há outros que chegam antes; chegam antes a estes e chegam mais tarde a outros. Não é uma recriminação, mas é seguro que aqui metade poderia dar conta disso, e metade não. E se eu fizesse outra pergunta, essas metades bem provavelmente se inverteriam.

Isso é lógico, sobretudo em psicanálise, em que a instrumentalização dos conceitos em cada situação requer uma experiência, uma experiência longa. Com freqüência aqueles que perderam os cabelos correm com alguma vantagem, porque tantas tantas são as perguntas que eles tiveram a chance de se fazerem quantos são os fios de cabelos que faltam nas suas cabeças. Claro, nem sempre a idade é garantia de qualquer coisa, nós bem sabemos, mas a juventude tampouco é desculpa de não saber, mas, pelo menos, explica o momento de aprendizagem em que cada um está. Não se poderia imputar que todo mundo devesse saber já, de início, tudo. Mas quero dizer com isso que há enunciados conceituais que se transformam em enunciados técnicos pelo menos durante certo período. Isso é o que justamente levou Lacan a fazer a adver-

tência de que não há técnica na psicanálise, ou seja, a se confrontar justamente com essa tendência, ao invés de sentir-se legitimado na sua ignorância. Que um conjunto de conceitos, de conselhos de procedimentos, ou de lugares-comuns cunhados no discurso analítico não fosse suficiente para ninguém, não o eximisse do compromisso de destrinchar conceitualmente a questão, coisa que na IPA vinha acontecendo. Bem, quem lê, por exemplo, *Teoria e técnica da psicanálise*, de Grimson, vai se encontrar com um receituário de condutas técnicas. Não é necessário saber o que querem dizer. É necessário fazê-las. Inevitavelmente, nós formulamos a pergunta, por exemplo, com as crianças. Digo uma, entre tantas: tem que fazer a primeira entrevista junto com os pais? O pai primeiro? A criança primeiro, sozinha? A criança acompanhada da mãe? Qual é o correto? O que deve ser feito? Sabem qual é minha resposta a essa pergunta? Vou lhes dizer. Nenhuma dessas é correta. Todas são equivocadas. E não há possibilidade de formular nenhuma indicação de com quem deveria ser feita a primeira entrevista que seja correta. Não há chance. Zero de possibilidades. É necessário passar pela equivocação. Por isso, quando, por telefone, um pai ou uma mãe me pergunta: “– Vou, na primeira entrevista, com meu filho, com minha filha, vou sozinha, vou com meu marido?” Eu lhe digo: “–Venha como quiser, como puder”. “– Ah! Mas então vou ir sozinha?” “– Tudo bem”. “– Ah mas então vou levar a minha filha.” “– Tudo bem.” “– Mas como, tudo bem? Ou uma coisa ou outra”. Digo: “– É. Uma coisa ou a outra. Vai ter que escolher”. Agora, isso não é pelo truque de me desembaraçar da responsabilidade. Como que dizendo: “– O paciente que escolheu, agora há! há! há! Agora, o pego. Vou interpretá-lo de entrada”. “– Você veio sozinha? Hã, hã, hã! Então, já sei!”. Não sei nada. Quer dizer, é equivocação sempre, e é minha, eu que me equivoco; ficamos engambelados, porque o que nos demandam os pais nunca é aquilo que nós vamos poder fazer com a criança. Então, é um equívoco já de entrada.

Precisamente é aqui que temos o segundo ponto em relação à angústia na infância. A criança fica presa, tomada – e oprimida – inevitavelmente no equívoco do Outro. Ou, dito de outra maneira: toda criança normal se queixa, se queixa de seus pais. Há diversas maneiras, umas mais explícitas, outras mais ocultas de se queixar de seus pais. Se uma criança não se queixa de seus pais, a criança está mal. O que não quer dizer que a queixa seja garantia de que está bem. Mas se ela não se queixa, pode ter a certeza de que ela não está bem. Por que o digo desta maneira? Digo-o porque a criança, na medida em que é tomada no equívoco do Outro, ela não se sente escutada. Ou seja, o que ela diz não é interpretado da maneira que ela lhe atribui, ou que ela pretendia transmitir. Portanto, ela tem que se queixar. “– Você não me escuta.” Essa é a histerização fundamental do sofrimento do sujeito. Claro que aparece de diversas maneiras,

numa birra, num ato falho da criança, que quebra um copo, que não se dá conta e agarra a toalha de mesa para alcançar uma coisa e cai tudo, e a mãe diz: “– Cuidado, cuidado, cuidado”. Totalmente a destempo, quando tudo já caiu. Ou então pegar o anel de pérola da mãe, botar no dedo e ir brincar no vaso sanitário com a conseqüente perda. Há diferentes maneiras de se queixar ou de protestar, ou de devolver a ausência de escuta.

Geralmente, quando os pais trazem uma criança à análise ou a uma consulta clínica da qual não sabem bem o que querem, é porque a criança está protestando. E, muitas vezes, para que esse sintoma infantil – não sintoma de infância, mas sintoma infantil – mude de posição, o que temos que fazer é abrir o ouvido dos pais. Isso é extremamente freqüente em análise de crianças. Ou seja, que nós reservemos um conjunto de entrevistas com os pais justamente para abrir seus ouvidos e para, então, haver chance de a criança ser tomada de outro modo no equívoco, ou poder ser escutada. Agora, paradoxalmente, que a criança seja tomada no equívoco do Outro é fundamental para que ela se constitua como sujeito. É necessário que a criança passe por esse inconveniente, para se constituir como sujeito. Se ela não passar por esse inconveniente, sua condição de sujeito se torna impossível.

No que consiste isso, que estamos chamando o equívoco do Outro? Consiste em esperar que a criança nos demonstre (aos pais) hoje o que ela será amanhã. É certamente um enorme trabalho. Eu quero ver qualquer um de nós ser submetido a oferecer semelhante prova: “– Tem que me mostrar hoje o que tu vais ser amanhã. Tem que ser com consistência”. “– E o que eu sou hoje não importa?” “– Não, não importa. O que importa é o que serás amanhã”. Quer dizer, o equívoco do Outro coloca o presente da criança precisamente nessa inconsistência. É por isso que a criança luta, trabalha enormemente para dar consistência a esse presente. De que modo? Do único modo que nós, humanos, temos de dar consistência a algo que não está aqui, ou seja, o imaginário. Então a criança fabrica um mundo imaginário do qual exige uma consistência fabulosa, impressionante. Cada criança é uma espécie de Hollywood andante. É uma fabricante de sonhos, nesse sentido. Por isso, esse lugar tem uma referência tão mágica. Quando dizemos Hollywood é uma metáfora desse mundo de sonhos infantis, onde tudo é possível do ponto de vista virtual; realmente possível, não. Então a criança é tomada nesse equívoco, quer dizer, é submetida a uma posição na qual o gozo do objeto real lhe é incessantemente subtraído. Quer dizer, a criança é sempre o objeto de uma operação na qual o objeto real lhe é extraído.

Ontem, numa entrevista, uma mãe me falava de sua filha de sete anos, que estava no momento da mudança da dentição: um dente estava crescendo

embaixo do outro, empurrando o dente de leite, e estava já crescendo torto embaixo, porque o dente de leite não cedia. Estava suficientemente agarrado para o dente definitivo encontrar dificuldade de assomar. Claro, isso lhe provocava dor, incomodação, etc., e, ainda mais, o prejuízo de entortar o dente. Então, a mãe diz: “– Na minha época isso se resolvia muito facilmente: meu pai vinha e, então, tirava o dente com a mão”. Mas ela não se deixa tocar. A pressão já tinha sido tão intensa para acabar com essa história do dente que já não havia nem possibilidade de tocá-la. Qualquer um que se aproximasse, ela chiava. Nem falar em levar ao dentista. Havia se transformado num sintoma psíquico. O dente tinha sido envolvido por todo um sistema simbólico, no qual ele passou a significar outra questão. Uma questão em particular é que o pai dessa menina havia falecido fazia, relativamente, pouco tempo. Uma doença no sangue o levou a falecer, e a menina sabia dessa doença. O pai, já quando estava doente, num passeio, tropeçou numa escada, caiu com de cara no chão, abriu o lábio, sangrando profusamente, e quem o socorreu foi a filha.

Então, explorando a situação em várias entrevistas, a menina faz um desenho no qual tem um gigante e um anãozinho; e pergunta: “– Quantos litros de sangue tem o pequeno e quantos litros de sangue tem o gigante? Eles têm a mesma quantidade ou quantidades diferentes?”. No que, imediatamente, eu percebo que ela está me perguntando se o pai não morreu pelo sangue derramado naquele banal acidente, porque a fantasia parecia ser de que quanto mais sangue houvesse, mais garantia de vida. Então, eu lhe digo: “– Cada um tem tanto sangue quanto precisa para viver.” “– Então, se eu faço um buraco aqui?”, diz a menina. “E o sangue começa a sair?” E eu digo: “– Tu me perguntas quanto tempo tens para tapá-lo? Quanto antes melhor.” E acrescento: “– Tu estás falando de teu pai?” E aí ela começa a fazer beijo e a dizer: “– Meu pai morreu porque caiu, né?” Aí eu começo a explicar: “– Teu pai não morreu porque caiu, teu pai morreu por outras razões”. Não sei que destino terá isso que estou trabalhando, mas é muito importante que tenha surgido essa questão. O problema que essa menina tem é que, na luta para dar consistência – imaginária – a seu presente, qualquer formação imaginária adquire consistência. Ou seja, que a fonte da angústia justamente pode ser, paradoxalmente, aquela que ela fabrica para se poupar da angústia, para se poupar de ser mal entendida. Esse trabalho que as crianças fazem, de criar um mundo de fantasias, o qual lhes dá consistência, pode retornar como um bumerangue sobre elas, e justamente provocar angústia. Vejamos um exemplo de formações mais simples do que esse caso que acabamos de contar: uma criança que começa a brincar e pede a seu pai que brinque de lobo e ela de cordeiro, ou, sei lá, de Chapéuzinho e, quando o pai vem: “– Ahnnn!!!!!!!”. Ela diz: “– Não, não, perai. Estamos brincan-

do, mas é de brincadeira ou de verdade?” Vê-se aí como, no mundo de fantasia que ela constitui, lhe retorna a consistência dessa fantasia como real.

E, como criança, ela é incessantemente privada do gozo do real – na medida em que a operação da qual ela é objeto é justamente de corte incessante de gozo: “– Não, agora, não, depois da comida.” “Não, tudo bem. Vai comer uma bala, mas hoje à noite.” “Não, perai, agora não. Peraí, tem que agüentar até ir ao banheiro”. Ou seja, a criança é objeto de “perai, perai, perai, espera!”. Até quando? Porque é “espera aí” em tudo. Por isso que eu digo que ela é incessantemente subtraída. Não é que ela não participe de nenhuma forma de gozo no real. Claro que ela participa: ela come, pede sorvete e lhe dão, anda de bicicleta, toma banho, brinca no mar, joga bola. Não é que não tenha possibilidade de usufruir de nada, de nenhuma versão do pequeno a: mama no peito, come coisa de que gosta; mas, em cada um desses movimentos de gozo que a criança faz, o adulto se faz presente, cortando-lhe parte desse gozo. É o que comumente chamamos de “função educativa”. É o que se chama educar. É por isso que, com a educação, a criança não tem uma relação muito pacífica. Em geral, se alguém lhe pergunta, durante a época de férias, se está com saudade da escola, a criança pode tomar essa pergunta como uma piada.

Nesse ponto, é fácil perceber que, como ela é incessantemente subtraída no real, se vê obrigada a procurar a consistência do seu gozo no imaginário. E, por isso, o imaginário na infância se expande e se expande, e retorna à criança com uma consistência que, para nós, os adultos, resulta estranha, curiosa, engraçada. Menos quando nós, os adultos, tornamo-nos objeto do retorno de alguma consistência imaginária que ficou inscrita na nossa história. Isso não nos causa graça nenhuma, nos assustamos. Assustamo-nos quando temos um pesadelo. E depois do pesadelo temos que olhar embaixo da cama para ver se o monstro do pesadelo não foi se esconder lá, quando já acordados. Fonte de angústia, essa, sim, específica da infância, é o retorno real de uma consistência imaginária, produto do equívoco do Outro, em que a criança é capturada. É o retorno, no real, da fantasia, do imaginário, da consistência imaginária que ela fabrica para escapar do equívoco do Outro em que ela é enredada inevitavelmente, necessariamente. Quer dizer, a criança passa necessariamente por essa angústia e aqui nós temos o que chamamos sintoma da infância, que não é sintoma infantil, porque toda criança passa por aí para se constituir como sujeito. Toda criança normal é tomada no equívoco da consistência de seu imaginário, e é de seu próprio imaginário que lhe retornam os monstros que ela teme. Isso é próprio dos humanos: eu duvido que os tigres tenham pesadelos, porque não estão capturados no equívoco do Outro.

■ Alfredo Jerusalinsky

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Inhibición, sintoma y angustia [1926]. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988. v. 20.

LACAN, J. *O seminário, livro 9: a identificação* [1961-62]. Recife: CEF, 2003. (Publicação não comercial).

Recebido em 03/03/2008

Aceito em 14/03/2008

Revisado por Valéria Rilho

TEXTOS

**A QUEM CONFIAR
MINHA TRISTEZA?¹**
Uma análise de três sessões

Ligia Victora²

Resumo: Uma psicanálise é iniciada e abandonada, em três únicas e breves sessões. No caso clínico relatado neste artigo, as associações da paciente, suas sensações físicas de angústia (como falta de ar, palpitações, sudorese) e uma sintomatologia variada apontam para uma estrutura neurótica. Porém, a profusão de sintomas “de livro” levam a analista a levantar a hipótese diagnóstica de ser um caso de perversão.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica; lembranças encobridoras (Deckerinnerung,); repressão ou recalçamento (Die Verdrängung); negativa, negação ou denegação (Die Verneinung); recusa (Die Verleugnung).

**TO WHOM TRUST MY SADNESS?
An analysis in three sessions**

Abstract: A psychoanalysis is begun and abandoned within three only and brief sessions. In the case reported in this article, the client's associations, his physical anxiety sensations (such as shortness of breath, palpitation, sweating) and a variety of symptoms point to a neurotic structure. However, the profusion of “book” symptoms put an analyst into raising the diagnostic hypothesis of a case of perversion.

Keywords: psychoanalytical clinic; false memories (Deckerinnerung); repression (Die Verdrängung); denial (Die Verneinung); refusal (die Verleugnung).

¹ Versículo da Igreja Ortodoxa russa. Epígrafe do livro de Anton Tchekhov, *Angústia* (1886).

² Psicanalista; Membro da APPOA, Membro da Association Lacanienne Internationale. E-mail: ligia@victora.com.br

Primeira sessão

Uma voz de mulher ao telefone se apresenta como sendo engenheira, colega de antigo analisante meu, e pede para marcar um horário.

Chega cedo à consulta. Quando a chamo para passar à minha sala, senta-se na primeira cadeira que vê e começa a chorar. É uma jovem senhora de estilo *hippie*. Vou chamá-la aqui de Rosa³. Espero um tempo, pergunto se quer me contar o que se passa com ela. Tenta falar, mas as lágrimas vêm com mais força, se engasga, soluça, e não consegue falar. Depois de uns 10 infinitos minutos de choro sentido, diz:

– Não sei o que acontece, ando sempre angustiada e com falta de ar. Parece que o ar não chega. Minha vida não é ruim, eu não tenho motivos para me queixar. Nada me falta, nem amigos, nem conforto em casa, tenho um bom marido e dois filhos lindos [...] [...] Acho que minha agonia deve ter a ver com uma coisa que me passou há muitos anos, deve ser isso, porque essa cena sempre me volta em *flashes*, ou nos pesadelos.

Olha para seu relógio de pulso, toma fôlego e continua:

– Vou te contar e depois vou embora

(Explica que precisa sair às pressas porque tem um compromisso).

– Eu estava numa casa em construção e tinha uns homens trabalhando. Um homem me disse: aqui não é lugar para meninas; e me deu uma flor. Peguei a flor e saí correndo.

[...] Perguntei pra minha mãe quando tínhamos feito obras em casa. Ela disse que eu tinha três anos quando reformamos a casa. Não sei como eu poderia estar sozinha numa obra [...] E eu era muito pequena para lembrar. Mas eu lembro muito bem do pavor que senti [...]

Segunda sessão

Na segunda sessão, Rosa novamente chega muito cedo (ainda havia uma pessoa esperando para ser atendida antes dela), e, quando chega sua vez, entra em minha sala já falando:

– Tenho um sonho repetitivo, que estou num campo florido. Nesta noite, parece que tava viajando, mas me lembrava de que já tinha

³ Nome fictício, porém guardando associação com o original.

estado ali em outra vir-gem, viagem. Eu corria entre as flores. Pareciam girassóis, só que brancos e grandes.

Apontei o lapso *virgem-viagem*.

– Eu falei isso? Não notei.

[...] Muitas vezes, meus sonhos começam neste campo de flores, mas depois as flores vão ficando duras, espinhentas, como cactos, e eu quero sair dali e não acho a saída... Ou eu corro até ficar sem fôlego, e sei que vou ser apanhada, e aí me acordo apavorada.

Como ela entrara “de cara” analisando um sonho, me atrevo a perguntar o que podia associar com a palavra flor – já que era esse o laço significativo entre as duas cenas (lembrança de infância e sonho). Pensa um pouco e diz que na gíria familiar, chamavam a genitália feminina de *florzinha*. Relata também que, quando tinha 12 anos, sua mãe a levava ao ginecologista porque estaria com corrimento vaginal, o que foi diagnosticado como *flores brancas*. Sentiu-se muito envergonhada por ter de “abrir as pernas para um homem” (sic); logo, pouco tempo depois, quando ficou menstruada, pensou:

– Não vou falar das minhas flores vermelhas a ninguém!

Pergunto: “E as flores duras e espinhentas? Ri, parecendo envergonhada.

– Não tinha pensado nisso, mas agora pensei se não seriam falos.

Proponho que combinemos algumas questões “práticas” de nossos encontros – como um horário em que ela não tenha de sair às pressas e os meus honorários – ao que ela pede que falemos disso na próxima vez, pois já está atrasada para uma aula, já que é professora universitária.

Terceira sessão

Rosa chega se queixando de falta de ar, cansaço permanente, palpitações, sudorese nas mãos. Pensa que tem depressão e pânico (sic). Os filhos reclamam que ela não faz nada, fora trabalhar. Em casa, só tem vontade de dormir.

– Às vezes tenho certeza de que vou morrer de repente, como aconteceu com a minha mãe [...] Até que não seria nada mal (e relata a morte da mãe, de doença cardíaca).

[...] Outras vezes não tenho certeza de quem eu sou [...] Parece que estou num sonho [...]

Após um instante de silêncio, suspira e diz:

– Me sinto bem melhor desde que comecei a vir aqui. Eu tava ali

na sala de espera pensando nisso⁴. Queria te dizer uma coisa, mas não sei bem o quê. É sobre este lugar aqui. Eu não tinha idéia de como era.

[...] Parece uma coisa idiota de se dizer, mas queria agradecer pela delicadeza deste lugar. Se não fosse aqui, com quem eu ia dividir minha tristeza?

Depois disso, com uma desculpa de trabalho, sai às pressas. Fica de voltar na semana seguinte – só que, desta vez, não volta mais.

Telefone algumas vezes para sua casa, sem sucesso. Deixo um recado, pedindo notícias, mas nunca mais tornei a ver ou a falar com Rosa.

Lembrança-tela

A cena relatada na primeira sessão pode ser considerada como uma lembrança encobridora. O termo original em alemão, usado por Freud ([1899] 1976), *é Deckerinnerung*, cuja tradução literal seria algo como *lembrança-tela*⁵.

As lembranças encobridoras, conforme Freud, funcionariam como uma tela, na qual podem ser projetadas imagens de acontecimentos mais recentes, ou mesmo de situações sonhadas ou relatadas posteriormente ao sujeito. Sabemos como as recordações de infância são efeito de uma combinação entre o que foi vivido na época e a compreensão dessas experiências na atualidade. Como todos os processos psíquicos, elas também sofrem adaptações, pelos mecanismos de condensação e deslocamento. A memória faria uma espécie de seleção entre todas as impressões capturadas do mundo externo, de forma a privilegiar algumas, recusar outras, conforme seus “interesses”, ou formações de compromisso entre o consciente e o inconsciente. Cortando, copiando, colando, como um processador de texto, vai se criando o banco de memória de uma existência.

Ora, estudos modernos de neurologia mostram que o sistema perceptivo humano é bem mais complexo do que o supunha Freud em seu *Projeto de psicologia* ([1895] 1976), mas, como sempre, ele tinha disso uma boa intuição. Nessa complicada operação, de apreensão e armazenamento de informações

⁴ Além da pressa para ir embora, tinha também a pressa para chegar bem antes às consultas, e parece que começava a “se analisar” na sala de espera...

⁵ A tradução para outras línguas é literal, como em francês (*souvenir-écran*) e em inglês (*screen-memory*).

do mundo exterior, em que todas as áreas do cérebro interagem para captar, preservar ou apagar fatos da memória, haveria certos filtros, de acordo com as possibilidades e necessidades de cada sujeito. Assim, situações estressantes ou incompreensíveis podem gerar amnésia parcial, e ali se instalar uma “lembrança-tela”.

Somente em uma psicanálise pode-se ter “acesso⁶” a esses fatos “esquecidos” ou encobertos por lembranças banais, que retornam em sonhos, ou por meio de associações. Muitas vezes, os sintomas de acontecimentos traumáticos são sensações corporais incômodas, ou a invasão de *flashes* ou de palavras incompreensíveis à consciência.

No caso ora em questão, havia vários desses sintomas: pesadelos repetitivos, *flashes*, sensações corporais de angústia – falta de ar, palpitações, sudorese. Não havia memória de cena “traumática”, propriamente (somente a lembrança encobridora inicial), nem queixas de situações estressantes na atualidade. Isso me fez supor que a idade do acontecimento vivido como trauma devesse ser muito precoce, talvez mesmo anterior à aquisição da linguagem. Podemos constatar nas análises psíquicas que, não somente os fatos traumatogênicos, mas todos os acontecimentos vividos nessa época inicial da vida tornam-se inconscientes, embora possam retornar em sonhos, em sintomas ou ligados a outros representantes, como em lembranças encobridoras.

É interessante repetir a experiência freudiana de perguntar aos adultos quais as suas primeiras recordações... Faço sempre essa pergunta a meus analisantes. É curioso, porque alguns referem cenas no berço, anteriores a um ano de idade, outros só parecem ter acesso a fatos vividos após os seis ou sete anos. Muitos não têm lembrança da infância no início de suas análises, e pouco a pouco vão recobrando suas memórias. A maioria das primeiras recordações por eles relatadas contém cenas comuns: uma brincadeira de criança, acompanhada por alguém familiar, uma história, ou música, de que gostava, contada igualmente por alguém próximo. Freud ([1899] 1976) explicou como, muitas vezes, uma cena se instala na consciência, encobrindo um acontecimento anterior encoberto por resistências. Parece mesmo que essas representações de imagens inocentes estariam como que projetadas numa tela da memória, en-

⁶ Deixei “acesso” entre aspas porque nem sempre vai se ter consciência desses fatos, mas com o desenvolver do tratamento psicanalítico, quando se observa o desaparecimento dos sintomas, podemos considerar que algo ali foi tocado, e resolvido.

quanto que “atrás” da tela se esconderia a memória “real” do fato vivido. O alcance da memória iria até a tela encobridora. Assim, quantos sonhos repetidos com eventos banais de infância, quantas músicas bobas que de repente vêm se instalar no pensamento, quantas imagens, nomes ou rostos de pessoas insignificantes nos ocorrem “do nada”... Quem se analisa sabe que não são assim “do nada”.

No texto *Lembranças encobridoras*, Freud ([1899] 1976) demonstrou como não apenas uma lembrança podia ser encoberta por outra, mas também como a relação entre elas se dava através, não de cenas, não de objetos, mas dos nomes desses objetos ou de composições entre as letras que compunham essas palavras.

“Como pode, se naquela época mal se tinha noção da própria existência, muito menos se sabia ler nem escrever? Seria ingênuo pensar que não exista uma vida intelectual profícua logo nos primeiros tempos, quando se pode observar em qualquer criança como sua vida afetiva é rica [...]”. Freud nos ensinou e Lacan melhor o definiu: o inconsciente se organiza como uma linguagem. Ele é formado por letras, estas são representadas por significantes – a unidade mínima da palavra falada – estes por sua vez se ordenam em redes, como árvores com galhos que se tocam. Essa organização em rede facilita não somente a relação entre eles, como também a formação das lembranças encobridoras. O acesso ao banco de memórias dá-se por meio desses significantes, que, mesmo antes de poderem ser falados ou escritos pelo sujeito, já estavam ali – bem como as letras, os sons, as sensações e as imagens ligados a elas.

Encontram sua representação nessa rede de significantes não somente lembranças de fatos vividos e-ou imaginados por alguém, mas também a constelação de termos utilizados por sua família – nomes, apelidos, a gíria familiar – mesmo antes de o sujeito nascer. Consideramos esse um campo simbólico fértil para o nascimento de um sujeito de linguagem. É um “corpo simbólico” prévio que irá possibilitar a existência de um corpo próprio para o *fallasser*. “Significantes alados” (Lacan, [1962-63] 2001, p.102), como diz na lição de 09/01/63, começariam a fazer furos na extensão cartesiana, e, somente assim, de um filhote humano, poderá surgir um sujeito... As instâncias real (conjunto de órgãos) e simbólica (significantes familiares), costuradas, inicialmente, pelo imaginário da mãe (ou seu substituto).

Nos relatos de minha ex-futura-analisante, pode-se acompanhar a associação entre as diversas “flores” e o início das fantasias sexuais infantis e adolescentes: flor – genitália feminina – ganhar a flor de um homem – flores brancas – corrimento vaginal – mostrar a flor a um homem – flores vermelhas – menstruação – não falar das flores – ser apanhada⁷ – cactos – falos.

Enganchados pelo mesmo significante – flor – viriam também todos os sentimentos envolvidos – desejo sexual, excitação, curiosidade, vergonha, medo – porém encobertos, protegidos, pela “lembrança-tela” e deslocados para os sintomas.

É interessante observar também, como os significantes das lembranças-encobridoras do sujeito se repetem em seus sonhos, associações e estórias. A rede de significantes é infinita, mas daquele tipo cantoriano: transfinito – sempre pode ser acrescentado mais um. Parece que há um código que se repete, em certa ordem lógica.

Por outro lado, havia os sintomas físicos. No sonho, o “sem ar”, de que Rosa se queixara no início, reaparece como “sem fôlego”. Estaria associado ao fôlego “resfolegante”, do correr, para não ser apanhada (como uma flor). Ou seria a sua “florzinha” que ia ser apanhada, e o sem fôlego seria correlato à respiração ofegante da relação sexual? Freud ([1894] 1976), muito cedo em sua obra referiu-se à angústia inscrita no corpo e à angústia inscrita no corpo e também no psiquismo, o que foi a primeira abordagem para se compreenderem os sintomas psicossomáticos: na impossibilidade de representação psíquica, esse “não-representado” ou, como ele dizia – essa “libido excedente” transformar-se-ia automaticamente em angústia.

Imagem-tela

Outra coisa que me chamara atenção desde o início neste caso foi a maneira de Rosa articular sua fala, muitas vezes construindo as frases de forma negativa:

– Não sei o que acontece... Não tenho motivos para me queixar...
Nada me falta, nem... nem... Nunca vi... Nunca pensei...

O que me fazia pensar no aspecto denegatório deste tipo de estrutura de linguagem – de ter que negar alguma coisa para afirmá-la.

O mecanismo de defesa neurótico *Verneinung*, descrito por Freud ([1925] 1976), como sendo a maneira de constituir um conteúdo do pensamento, pela negação do mesmo, incidiria sobre a *idéia* daquilo que se quer afirmar. Se – como dizia Freud – no inconsciente não existe o negativo, isso se deve ao fato de que a apreensão dos objetos pelo inconsciente ocorre de modo aditivo, como

⁷ Na lembrança (auto-) analisada por Freud (1899), ‘tirar as flores’ da menina simbolizava ‘deflorá-la’. Não pude, eu mesma, deixar de fazer uma associação: o desejo da menina Rosa de perder a virgindade - ser “apanhada”, por um homem. Seria essa a ‘viagem’ dos sonhos?

numa operação de adição: somam-se os objetos. Já as operações negativas – como a supressão de uma idéia, o repúdio, o esquecimento – somente são possíveis pela formação de juízos. Assim, são os juízos negativos que possibilitariam a expulsão de certos conteúdos indesejáveis. Por exemplo: dizer “não quero dizer tal coisa”, “não pense que eu quero tal coisa” ou “nunca pensei tal coisa”, seriam apenas modos de um sujeito tentar expulsar esta “coisa” que já existe dentro dele.

Comecei a pensar se, para além do mecanismo de defesa neurótico da denegação (*Verneinung*), Rosa utilizava-se também de um mecanismo perverso do tipo *Verleugnung* (recusa da castração simbólica), somente quando ela não veio mais...

Verleugnung – termo com as seguintes traduções: *rejeição, desmentido, repúdio, desacato, recusa*, sendo que a recusa de que se trata na *Verleugnung* não recairia sobre a pulsão, nem sobre o significante, mas sobre a realidade mesmo. A defesa consistiria, nesse caso, em recusar-se a reconhecer algo que se apresenta na realidade.

Em suas origens, a *Verleugnung* freudiana traria um “ponto de suspensão” sobre a castração materna. Seria como ver que a mãe não possui o falo no corpo, e tapar a falta com uma telinha, de forma que ali pudesse projetar um substituto fálico. Nesse mecanismo, o sim e o não permanecem num paradoxo indecível. Freud mostrou como a *Verleugnung* conseguia contemporizar duas posições inconciliáveis: “Eu sei, mas não quero saber”. “Eu olho, mas não vejo nada...”. Freud ([1927] 1976) – pensou-a originalmente para os fetiches, depois para a gênese da posição perversa polimorfa infantil e daí para as perversões em geral.

Lacan ([1967] 2003) propôs uma bela versão de *Verleugnung* para o francês: *louche refus – a recusa suspeita*. Já Jean-Pierre Lebrun (2001) propõe a recusa suspeita para definir essa espécie de “estrabismo moral” que ocorre na atualidade. Segundo ele, haveria uma dupla mensagem no discurso social, que propõe, ao mesmo tempo, o gozar sem limites (sociedade de consumo, ciência, etc.) e o limite do gozo, dado pela linguagem moralista ou moralizante.

Para Bernard Penot (1992), o mecanismo de recusa (*Verleugnung*) se oporia ao de recalçamento (*Verdrängung*)⁸ porque, neste, a própria representação foi subtraída da consciência, enquanto na recusa ela continua ali, mas reduzida, alheia à cadeia associativa. Haveria uma cisão do sujeito, como uma espécie de

⁸ Traduzido nas Obras Completas de Freud, em português, como “repressão”.

estrabismo, uma impossibilidade de “manter o foco” ou de dar sentido ao visto ou vivido.

A dificuldade do analista diante de um mecanismo desses é enorme. O analista fica impotente: depara-se com uma resistência pré-formatada, que impele o paciente à repetição de significantes familiares (holofrases), em que tudo se explica, nada se cria... Não há realmente uma construção fantasmática – uma vez que a castração materna foi recusada. É como se o sujeito ficasse preso numa espécie de limbo, entre psicose, neurose e perversão. Diagnóstico: indecidível.

Imag-in-ação

Sempre que me deparo com um caso em que há profusão de sintomas “de livro” me lembro do ditado “quando a esmola é muita, até o santo desconfia”. Pois essa parecia a paciente “perfeita”: já chegara com uma demanda de pronta, com transferência com a analista e para com a psicanálise, e oferecendo uma grande quantidade de material para análise, era como se tivesse decorado a lição antes de chegar... [Paciente per-feita per-versa, faz-me lembrar de um filme (péssimo!) dos anos 90, em que a “mocinha-bandida”, para agradar o analista, relatava um sonho de Freud como se fosse dela. Pena que o terapeuta tinha faltado à aula no dia da *Interpretação dos sonhos*, e caiu como um patinho...⁹].

Infelizmente, não pude confirmar minhas hipóteses sobre Rosa, uma vez que só houve três curtas e interrompidas sessões. Resta usar a imaginação, e fazer algumas suposições:

1. O fato de a lembrança encobridora inicial mostrar uma cena em uma obra e o dito – “aqui não é lugar para meninas” – pode ter influenciado sua escolha da profissão (Engenharia)? Condenada à solidão do sintoma (“sozinha em uma obra”), repetindo a cena primária (o encontro de um homem e da “flor”) indefinidamente?

2. A transformação nos sonhos, das flores em cactos (órgãos genitais femininos em masculinos), poderia apontar para uma recusa da diferença sexual?

3. Os sintomas relatados – que se podem considerar como sendo de despersonalização e-ou de desrealização: “certeza de que vou morrer de repen-

⁹ O filme é *Final analysis*, um dos piores do gênero na história. A paciente perversa é encenada por Uma Thurman, e Richard Gere é o analista canastrão, que se envolve com a irmã da paciente, a linda Kim Basinger. Com direito a “Freud explica” no final, bem ao estilo norte-americano.

te”, “não tenho certeza de quem eu sou”, “parece que estou num sonho” – poderiam apontar para um diagnóstico mais grave, de uma psicose? Ou a analisante (que continua *hippie* no século XXI) estaria presa a uma dobra do tempo, ainda vivenciando os clássicos sintomas da adolescência, quando a vulnerabilidade às sensações corporais é mais premente e freqüente (visto que é o momento de pôr em xeque as identificações narcísicas e sexuais)?

4. Ao usar o espaço “delicado” (*sic*) da análise para “dividir sua tristeza”, ao mesmo tempo rebaixaria o lugar da analista a um lugar que não merece consideração profissional, já que não merece pagamento? Nesse caso, pode-se pensar numa construção do tipo (ϕ . $-\phi$) (fi minúsculo . menos-fi)? Montagem de um fantasma perverso, em que o sujeito necessita anular o parceiro enquanto ele mesmo se oferece para tapar o buraco imaginário da falta do Outro?

5. Por que Rosa não continuou a vir? Será que foi algum erro meu? Sabe-se como muitas vezes é um *acting-out* do analista que provoca o do analisante... Será que a deixei sozinha demais em suas divagações, antecipando um tempo da análise sem que estivesse preparada para vivê-lo? Angustiou-se demais com isso?

6. Ou, com a pressa em interromper as consultas, evitaria ser “convidada” a sair (correlato a ser rejeitada), saindo correndo antes?

7. Poderia ser uma “esperteza” de sua parte, simplesmente para aliviar sua angústia, sem ter que pagar por isso? (Já que a súbita suspensão das sessões ocorria sempre no momento em que ficáramos de discutir o valor das sessões, e como tinha de sair correndo, por algum motivo premente, não evitava somente uma interpretação minha, como eu havia inicialmente raciocinado, mas também o pagamento das consultas!).

Lacan ([1955] 1966) disse que as palavras “[...] levam ao vento os cheques em branco de uma cavalaria louca [...] se não fossem folhas volantes não **haveria letras roubadas**”.

Rosa me pagou com um cheque “em branco”, ou “voador”... Suas lem-

¹⁰ *Les écrits emportent au vent les traites en blanc d'une cavalerie folle. Et, s'ils n'étaient feuilles volantes, il n'y aurait pas de lettres volées.* Tradução da autora. Os termos utilizados por Lacan jogam com várias significações. *Traite* pode ser compreendido como: 1) cheque (letra de câmbio); 2) percurso; 3) comércio. *Volant* pode ser: 1) voador; 2) que não tem um ponto fixo; 3) o particípio do verbo *voler* (roubar); 4) algo que corre rapidamente, volátil. *Lettre* pode ser traduzido para o português como: 1) letra; 2) carta; 3) cheque (cf. Dic. Le Petit Robert).

branças, seus sonhos, suas palavras de agradecimento – foram significantes *volantes* lançados a mim. Sejam eles alados, palavras fugidias, lembranças voláteis, ou sessões roubadas, espero que tenham chegado a seu destino.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. As Neuropsicoses de defesa [1894]. In: ____ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 3.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica [1895]. In: ____ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 1.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras [1899]. In: ____ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 3.
- FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre Psicanálise – Parapraxias [1915]. In: ____ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.15.
- FREUD, Sigmund. Repressão [1915]. In: ____ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.14.
- FREUD, Sigmund. A negativa [1925]. In: ____ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.19.
- FREUD, Sigmund. O fetichismo [1927]. In: ____ *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21.
- LACAN, Jacques-Marie. Le Séminaire sur la lettre volée [1955]. In : ____ *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques-Marie. *Le séminaire*, livro 10: l'angoisse [1862-63]. Paris : Association Lacanienne Internationale, 2001. Circulação interna.
- LACAN, Jacques. Proposição de 09 de outubro de 1967 [1967]. In: ____ *Outros Escritos*. 20 de janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003.
- LE PETIT ROBERT – dicionário francês. Version électronique du Nouveau Petit Robert. Dictionnaire analogique de la langue française. 1997.
- LEBRUN, Jean-Pierre. Entre société et famille: un louche refous? Trad. Maria Rosane Pereira Pinto. *La lettre de l'enfance et de l'adolescence*, n. 44 – 2001/2. Paris, Ed. Érès, 2001.
- PENOT, Bernard. *Figuras da recusa*. Trad. Francisco Setinneri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Recebido em 20/09/2007

Aceito em 07/11/2007

Revisado por Siloé Rey

TEXTOS

**A ANGÚSTIA DE LACAN,
UMA TERCEIRA TEORIA? ¹**

Sidnei Goldberg ²

Resumo: O texto trabalha a partir de um ponto determinado de prosseguimento e tensão entre as teorias freudianas da angústia e os desenvolvimentos lacanianos produzidos no seminário de 1962-63. As posições do objeto *a* em relação ao desejo e à angústia são discutidas à luz de considerações clínicas e literárias. Encerra comentando o *aleph* da angústia, tratado como fórmula.

Palavras-chaves: angústia, desejo, objeto *a*, desejo do Outro.

LACAN'S ANGUISH: A THIRD THEORY?

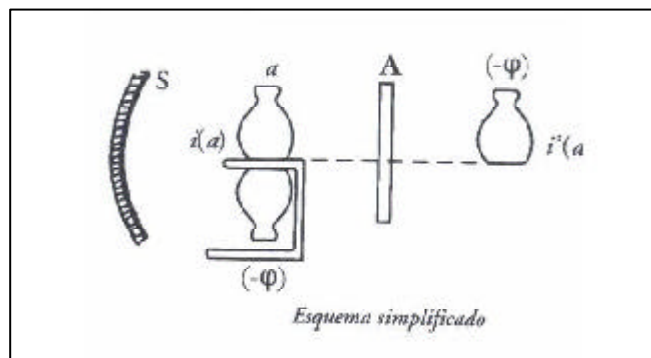
Abstract: The text goes on from a determined point of procedure and tension between the Freudian theories of anguish and the Lacanian developments produced at the 1962-63 seminar. The positions of the object *a* in relation to the desire and anguish are discussed under the spot of clinical and literary considerations. It ends with a comment on the *aleph* of anguish treated as a formula.

Keywords: anguish, desire, object *a*, desire of the Other.

¹Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, realizadas em Porto Alegre, outubro de 2007.

²Psicanalista; Membro da APPOA; Editor da revista de psicanálise *Textura*; Diretor da coleção *Discurso Psicanalítico*, da editora Ágalma; Co-autor de *Sobre o desejo masculino*. Ed. Ágalma, 1995 e *Temas da clínica psicanalítica e Sexualidade feminina e masculina*. Ed. Experimento, 1998. E-mail: sidgold@terra.com.br

Ocorreu-me começar pelo final. Na última aula do seminário de 1962 sobre a angústia, Lacan repete um enunciado que havia apresentado no ano anterior, em seu seminário sobre a identificação: “a angústia manifesta-se, sensivelmente, como relacionada com o desejo do Outro”. Dessa vez, porém, acrescenta: “a angústia está ligada a eu não saber que objeto *a* eu sou para o desejo do Outro...” (Lacan, [1962-63] 2005b, p.353). Pois bem, quero articular essa proposição com outra, que está presente e é repetida nas primeiras aulas do seminário. Essa frase refere-se ao esquema ótico assim desenhado:



(Lacan, [1962-63] 2005 b, p. 49).

Eis-nos agora em condições de responder a uma pergunta: quando surge a angústia? A angústia surge quando um mecanismo faz *aparecer*³ alguma coisa no lugar que chamarei para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar $(-\phi)$, que corresponde, do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo *a* do objeto do desejo. Eu disse *alguma coisa* – entendam uma *coisa qualquer* (Lacan, [1962-63] 2005b, p. 51).

Minha questão é: como combinar essas duas afirmações? Na primeira temos duas posições, a de um Outro e a do eu transmutado em objeto *a*. E, na segunda, uma aparição de algo num lugar não-usual, inesperado. Onde estão as duas posições, a de um Outro, cujo desejo aparece em um horizonte de gozo, e a segunda, a de um sujeito reduzido ao *status* de objeto, nessa frase da aparição? Para complicarmos um pouco as coisas, poderíamos agregar os três

³Grifo meu.

aforismos que trabalham a angústia: *não é sem objeto*, contestando e retificando *Inibição, sintoma e ansiedade* (Freud, [1926] 1980); é causada pela *falta da falta*; é um *signal que não engana*, sendo que o primeiro desses aforismos é tratado por Lacan como um memento desse seminário.

Como concatenar a expressão primeira (que está no final do seminário) com a segunda? Vamos por partes. A princípio, cabe dizer algo sobre a frase inicialmente citada, depois contextualizar a segunda frase e, em seguida, localizar esses aforismos. Próximo passo, pensar: com seu apólogo, com Horla, com Natanael e com dois fragmentos clínicos, a articulação das frases e dos aforismos. Para finalizar, mostrar a fórmula da angústia $(a \diamond \mathcal{S})$ escrita na única aula do seminário seguinte, o dos *Nomes-do-Pai*, que trata da entrada na cena – do campo daquilo *que engana* – do objeto *a*; enquanto o sujeito suposto *gozante* se localiza no campo daquilo que *não engana* (Lacan, [1953] 2005a). Sob o pequeno *a* aparece o que pode tanto simbolizar o ser do gozo (o Cordeiro primordial) quanto os três registros articulados, na falta do nó borromeano que ainda não havia sido inventado. A primeira significação deve ser pensada como a questão que Lacan ([1953] 2005a, p. 44) já apontava em seu texto *Simbólico, imaginário, real*, de 1953, sobre a animalidade, e que prossegue nas últimas aulas do presente seminário. Animalidade, que proponho chamar de *monstruosidade* (o interesse deste significante é que ele, ao mesmo tempo em que rompe a imaginada continuidade e a passagem entre natureza e cultura, evoca as figuras assustadoras que o Outro veste na situação de angústia). A segunda é uma hipótese que não é possível confirmar, mas que tem verossimilhança, principalmente ao levar-se em conta o contexto de sua citação.

Começando com a primeira frase, o sujeito não sabe que objeto *a* ele é para o desejo do Outro na angústia. Não sabe que objeto é, porém adquire o sentimento de certeza desse pressentimento.

Que objeto *a*?

Não seria interessante que a cada vez se pergunte qual o sentido que se dá para esse termo, sempre que se o evoca? Lacan diz que escolheu usar uma notação algébrica para denominar o objeto, visto que um nome, qualquer que fosse, funcionaria como metáfora; cita os exemplos do *bom*, do *mau*, do *interno*. Ao mesmo tempo, essa notação tem a função de marcar uma identidade do objeto nas diversas incidências em que ele aparece. Quer dizer, esse é um conceito de Lacan que pode adquirir diferentes funções, *status*, características, ora catalogado, ora sob qualquer forma... Frequentemente ouve-se alguém dizendo: “o analista deve estar em posição *xis* em relação ao *a* em tal situa-

ção”, mas de que incidência do *a* estará ele falando? Do resto, do *ágalma*, do objeto em sua função de causa de desejo, em função de angústia, do objeto cedível, ou do objeto primordial, anterior ao *status* de cedível, do objeto de gozo, do de amor, do da mulher para o homem, ou do falo para a mulher, do oral, anal, fálico, escópico ou invocante? De que se trata a cada momento? É claro que há uma identidade entre eles, mas as diferenças também merecem destaque.

Aqui interessa, em primeiro plano, o objeto em função de angústia. *Presença* e *aparição* são dois significantes a serem retidos. Seu contraponto é o objeto – o mesmo – em função de causa do desejo, quando aparece enquanto faltante. A seu lugar ocorrem significantes e imagens com significações fálicas que, enquanto significantes, não saturam a falta do sujeito constituído no Outro⁴. Inversamente, na angústia o objeto faz sua aparição enquanto signo do real. Lacan toma por apoio a noção freudiana do sinal de angústia no eu, fazendo uma torção em relação ao texto de Freud. O sinal (*signe* é a mesma palavra para sinal e signo, em francês) é a própria angústia, que aparece no lugar do eu, na borda deste. Lacan se livra da noção de diferença entre medo (como tendo um objeto causador de perigo externo) em oposição à angústia⁵, que é, em Freud, efeito de uma perda, falta ou separação de objeto (noção presente em *Inibição, sintoma e ansiedade* - apesar de Lacan, em algum momento, lembrar que Freud diz, no apêndice *b*, que a angústia ocorre diante de algo) (Freud, [1926] 1980, p. 189-190). Lacan retifica Freud: a angústia não é sem objeto, tem um objeto que não é simples de abordar. “São objetos anteriores à constituição do *status* do objeto comum, comunicável, socializado. Eis do que se trata no *a*”

⁴ “Uma das formas possíveis de aparecimento da falta é o menos-phi, o suporte imaginário da castração. Mas essa é apenas uma das traduções possíveis da falta original, do vício estrutural inserido no ser-no-mundo do sujeito com que lidamos” (Lacan, [1962-63] 2005b, p. 151). No seminário *As psicoses*, Lacan aponta outras traduções para aquilo que escapa à trama simbólica: a questão sobre o que é uma mulher, a procriação, a existência singular do sujeito. “Por que será que ele está ali? De onde ele sai? Que está fazendo ali? Por que vai desaparecer?” apontam no significante o que há nele mesmo de inassimilável (Lacan, [1955-56] 1985, p. 205).

“O termo que Freud nos fornece como último, complexo de castração no homem e *Penisneid* na mulher, pode ser questionado. Não é necessário que seja o último” (Lacan, [1962-63] 2005b, p. 151).

⁵ Na aula XII, restringe a uma única diferença entre medo e angústia. Se nas duas há o caráter de uma aparição desnorteadora, no medo “o sujeito não está pressionado, implicado nem interessado no mais íntimo de si mesmo” (Lacan, [1962-63] 2005b, p. 177). “Na angústia, inversamente, o sujeito é premido, afetado, implicado no mais íntimo de si mesmo” (Lacan, [1962-63] 2005b, p. 191).

(Lacan, [1962-63] 2005b, p. 103)⁶. Esse *a* é o que restou do que se foi num tempo anterior à constituição da imagem do eu, no e pelo olhar e discurso do Outro.

Angústia, signo do real. Signo é o que representa alguma coisa para alguém. A angústia, como aquilo *que não engana*, é alguma coisa representando algo para alguém, sem sombra de dúvida (o cãozinho faz *au-au* e o gatinho *miau-miau*). No campo daquilo *que engana*, que é o campo do significante, há uma falta central representada por imagens e significantes, seguindo a máxima de que o cãozinho faz *miau-miau* e o gatinho faz *au-au*: aqui a possibilidade de desejos, sintomas, amores, inibições.

Que Outro? Que alguém? Que desejo?

Conseqüente com sua afirmação de que “talvez só a ficção possa demonstrar de forma estável o fenômeno do *Unheimlich*” (lembrando que para Lacan esse é o paradigma freudiano da angústia⁷), ele cria seu próprio apólogo, usado no seminário *A identificação* (Lacan, 1961-62) na aula 04/04/1962, e repetido aqui na primeira aula. Lacan sai com uma máscara, sem reparar nas feições desta. Subitamente topa com a fêmea de um louva-a-deus gigante. Tenta ver-se no reflexo dos olhos sextavados desta, mas não consegue. E se ela o tomar por parceiro? Sabe-se o percurso de gozo dela: sexo e morte. Portanto, esse Outro que aparece no fenômeno da angústia está referido ao que Lacan chama de um sujeito mítico do gozo. Esse sujeito está referido em seu esquema da divisão do sujeito em três momentos. Lacan diz que o *a* representa o S (sujeito mítico), em seu real irreduzível: representa, mas não é seu significante, simboliza, diz ele, o que não pode tornar-se significante. Faz signo, sinal desse Outro. Trata-se do mesmo objeto no desejo e na angústia, porém sua posição não é a mesma em um e em outro. Na angústia, não se trata de um objeto na condição de perdido, mas de reaparecido e duplicado, em forma de sinal, representando esse Outro

⁶ Referindo-se ao esquema ótico em uma perspectiva genética afirma: “É com a imagem real, constituída ao emergir como *i* (*a*), que nos apoderamos ou não, nessa multiplicidade dos objetos *a*, aqui representados pelas flores reais”, “Antes do estádio do espelho, aquilo que será *i* (*a*) encontra-se na desordem dos pequenos *a* que ainda não se cogita ter ou não ter. Esse é o verdadeiro sentido, o sentido mais profundo a ser dado ao termo ‘auto-erotismo’ – ou sentir falta de si...” (Lacan, [1962-63] 2005, p.132)

⁷ Aludindo ao *Elixir do diabo*, de Cazotte, ao *Homem de areia*, de Hoffman e ao *Horla* de Maupassant.

mítico do gozo e também o *a* em posição de oferenda, no sentido sacrificial. Combinando-se então as duas frases, chega-se à conclusão de que, no lado direito do esquema, quando do momento da angústia, surge *algo qualquer* – um *a* em forma de signo vindo do real, que representará o sujeito mítico do gozo, destacado por uma forma parcial (um olhar, um ruído, uma visão...) – e do lado esquerdo, na borda de *i* (*a*), serei pressentido como um *a* para o gozo desse Ser. Estamos no plano do que deveria ser invisível, para usar um termo de Hoffman e Maupassant, ou não especularizável, com Lacan:

(...) eu vi, eu vi, sim, eu vi com os meus próprios olhos uma outra página erguer-se e pousar sobre a precedente, como se um dedo a tivesse folheado. A poltrona estava vazia, parecia vazia; mas eu compreendi que ele estava ali, sentado no meu lugar, e que lia. [...] Então, voltei para casa com o espírito perturbado, pois estou certo como da sucessão dos dias e das noites, que existe perto de mim um ser invisível que se alimenta de leite e de água, que pode tocar nos objetos, pegá-los, mudá-los de lugar, dotado, por conseguinte, de uma natureza material, embora imperceptível aos nossos sentidos, e que mora, como eu, sob o meu teto [...] (Maupassant, 2006, pg. 108).

Exemplificando:

Roberto, arquiteto, desenvolve ao longo de sua análise o que chama de uma “fobia social”, causada por uma situação que o deixa angustiado. O diagnóstico é correto apesar de ele ser leigo. Deixou de almoçar com os colegas de trabalho e tem evitado sair em grupo. A situação da qual quer se prevenir é a seguinte: quando está em grupo e ouve a palavra *gay*, sente que seu rosto fica quente e vermelho. Tem medo de que nesse momento alguém olhe para ele e faça a correlação entre a palavra que foi dita e a vermelhidão (correlação temporal). – E daí? – Isso poderia significar para aquele que o olha que ele é *gay*. “E isso é um horror, eu não quero que me vejam assim, porque eu não sei se eu sou, e não quero que pensem isso de mim”.

Conta um episódio em que teve essa impressão no momento em que a namorada de um amigo estava olhando sua vermelhidão, ficou com falta de ar, taquicardia e teve de se levantar e sair da mesa com urgência para ir ao banheiro.

Essa história vem se arrastando há alguns meses. Só recentemente em sua análise tem prestado mais atenção à questão do olhar. Outra vez fazia uma compra com sua namorada. Ela dava palpites, ficou irritado, achando que a

vendedora iria vê-lo como um *banana*. A partir do comentário de uma mulher, conta que gosta de se olhar no espelho e fazer caras que imagina fazer quando está com os outros. Tenta ensaiar as caras mais adequadas.

Carlos tem nove anos e me conta porque tem corrido quase todos os dias para o quarto dos pais. Diz que acorda com algum barulho. Ele tem certeza que é no seu apartamento. Sabe que não é, “deve ser no apartamento de cima”. Os pais já lhe mostraram que as portas estão trancadas e que existe uma portaria...⁸. Ele sabe dessas coisas, mas no momento em que ouve: “parece muito que tem alguém dentro do apartamento, eu acho que é um ladrão e que vai me pegar.” Diz que o irmão tem medo de monstros, mas ele não; tem medo de ladrão. Acaba concluindo que o ladrão de que tem medo é como o monstro, já que vai entrar ali de qualquer jeito. O ruído aqui, como a palavra *gay* e o olhar no exemplo anterior, funcionam como aquela qualquer coisa que vem especularizar o não-especularizável. Em seguida, o Eu de um é pressentido como vermelho, quente, prestes a ser tomado em um signo, e o segundo tem de se levantar e correr. Enfiar-se na cama dos pais. E, se for o caso, de dormir no chão, mas perto deles⁹. Freud dizia que essas fobias infantis eram reações ao perigo de se perder o objeto. Lacan ([1962-63] 2005), na quinta aula do seminário *A angústia*, diz que temos que responder à questão de por que as crianças têm medo do escuro. Mas não responde, pelo menos de maneira direta. No entanto, em diversas passagens desse seminário comenta que Édipo e Tirésias, ao ficarem cegos, tornaram-se videntes. Enxergavam e sabiam mais do que quando podiam ver. Assim, proponho como questão se não poderíamos pensar que, quando estamos no escuro, nos encontramos em uma situação análoga à da cegueira, já que não podemos visualizar os índices da realidade e, portanto, estaríamos mais capacitados a ver o que vem do real, do impossível. Se o campo da visão é o que melhor nos engoda e nos acalma, no escuro estamos menos sob sua proteção, e é aí que aparecem os lobos, os mortos-vivos, os ladrões, ou podem se tornar perceptíveis e assustadoras funções automáticas de nosso corpo.

⁸ Clara, dirigindo-se a Natanael: “Pois bem, Natanael, você tem razão, Coppélius é um princípio maligno e hostil que invadiu sua vida de forma visível, ele pode provocar coisas terríveis como uma força demoníaca – mas isso só pode acontecer se você não o expulsar de sua mente e de seu espírito. Enquanto você acreditar nele, ele *existe* realmente e age; apenas sua crença nele dá-lhe seu poder” (Hoffman, 1987, p. 35).

⁹ Em o *Homem da areia* é o encontro com o vendedor de barômetros, óculos e binóculos que funciona como a qualquer coisa do lado direito do esquema ótico, e especificamente os olhos de Coppélius, de Coppola, de Olímpia e os seus próprios, que figuraram o a de um lado e de outro do esquema.

Sabe-se o quanto um pouco de luz, uma televisão ligada, até se dormir, pode resolver isso. Nesse caso, talvez a presença dos pais (representantes que são do campo do Outro, onde se constitui para todos nós a cena em que vivemos) não seja tão importante pelo medo de perdê-los, e sim pelo poder que talvez tenham de afastar “os que vêm do lado de lá”.

Finalizando, proponho que se pense a escrita da fórmula da angústia correspondendo à fórmula do fantasma (que sustenta o desejo), invertida ($a \leftrightarrow \$$). O *a* intrometido no campo daquilo *que engana*, na cena. E o sujeito levado para o lado do real, daquilo que *não engana*. Até aqui, temos a simples inversão – que, diga-se de passagem, justifica os aforismos supracitados e a idéia de terceira teoria – e que se deduz do capítulo em que Lacan trabalha a passagem ao ato (nesta o sujeito atravessa a janela, o losango da fórmula do fantasma, identificando-se de forma maciça e total com o objeto no real, junto ao qual cai). Se colocarmos sob uma barra, abaixo do *a*, um símbolo para os três registros, teremos indicado a falência momentânea, ou não, do sistema da assim chamada “realidade”.

Esse símbolo é a letra *aleph*, na medida em que tem como sua principal significação referida a articulação entre três outras letras¹⁰. O *yud*, acima, que representa Deus como superior aos homens e às coisas. Outro *yud*, abaixo e de ponta-cabeça, que representa o povo judeu (na linguagem freudiana, as massas – “os *mano*”) e no centro um *vav*, que representa a Torá, a Lei que une Deus, Aquele que ex-siste no Real, ao povo. Real, simbólico e imaginário articulados.¹¹

Para uma terceira teoria, uma fórmula $\frac{(a \diamond \$)}{\aleph}$

¹⁰ O que é um Aleph: <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/alef/home.html>

¹¹ A angústia de Lacan me parece poder condensar tanto sua teorização sobre esse tema, como sua posição no momento em que a desenvolve. Lacan, poder-se-ia dizer, atravessa o ano deste seminário com a faca no pescoço, visto que está sendo negociado por seus alunos junto à Internacional de psicanálise. O trabalho sobre o sacrifício de Isaac não pode ser tomado como coincidência. Ainda mais levando-se em conta o desfecho do episódio, meses após a aula única do seminário *Nomes-do-pai*, quando, na noite anterior, a I.P.A. o havia transformado num analista *café-com-leite*. Sua reação foi um ato. O ato de fundação da E.F.P., com a retomada, meses depois, de seu seminário, *Os quatro conceitos*, em grande estilo. Se, na aula única do seminário precedente, seu tema de base fora o sacrifício de Isaac, no seguinte abre com o processo de excomunhão - apontando a IPA como uma estrutura eclesial – identificando-se com Espinosa. Anos depois, em *Aviso ao leitor japonês*, diz, referindo-se ao episódio, que “não se ouve o discurso do qual se é pessoalmente o efeito. Nota à margem: isso é possível, ainda assim. Mas, nesse caso, a gente se faz expulsar pelo que forma o corpo desse discurso. E foi o que me aconteceu” (Lacan, [1972] 2003, p.499).

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. *Inibições, sintomas e ansiedade* [1926]. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- HOFFMANN, Ernest Theodor Amadeus. *O homem da areia*. In: CESAROTTO, Oscar. *No olho do Outro*. São Paulo: ed. Max Limonad Ltda, 1987.
- LACAN, Jacques. *O simbólico, o imaginário e o real* [1953]. In: LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005a.
- _____. *O seminário, livro 3: as psicoses* [1955-56]. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1985.
- _____. *O seminário, livro 9: a identificação* [1961-62]. Edição inédita.
- _____. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-63]. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005b.
- _____. *Nomes-do-Pai* [1953]. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005a.
- _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1963-64]. Rio de Janeiro: J.Zahar Ed., 1985.
- _____. *Aviso ao leitor japonês* [1972]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2003, p.498-500.
- MAUPASSANT, Guy de. *Contos fantásticos, o Horla e outras histórias*. Porto Alegre: LPM, 2006.

Recebido em 06/11/2007

Aceito em 14/12/2007

Revisado por Deborah Nagel Pinho

TEXTOS

O OBJETO *a* E A ANGÚSTIA¹

Elaine Starosta Foguel²

Resumo: O presente artigo apresenta o conceito de angústia na obra de Jacques Lacan, partindo da sua releitura do conceito freudiano. O artigo estabelece e esclarece as diferenças existentes entre as formulações para a angústia na teoria psicanalítica. Além disso, circunscreve o conceito de objeto *a*, na obra lacaniana, e a sua relação com a angústia.

Palavras-chave: objeto *a*, desejo, angústia, sujeito, fantasma.

THE OBJECT *a* AND ANGUISH

Abstract: The current article presents the concept of anguish along the work of Jacques Lacan, starting from his rereading of the Freudian concept. The text points out and clarifies the differences among the formulations of anguish in psychoanalytic theory. Moreover, it circumscribes the concept of object *a* in Lacan's work and its relation to the anguish.

Keywords: object *a*, desire, anguish, subject, fantasy.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Abertura da APPOA – *Angústia*, realizada em Porto Alegre, março de 2007.

² Psicanalista; Membro da APPOA; Especialista em Clínica da Dor (UNIFACS- BA); Mestre em Filosofia da Ciência (UFBA). E-mail: elainefoguel@terra.com.br

No estudo do Seminário *A Angústia* (Lacan, [1962-63] 2005), é importante observarmos que o seu ponto de partida é essencialmente freudiano, ao mesmo tempo em que apresenta nova contribuição a partir dos seus desenvolvimentos sobre o desejo e da formalização do objeto *a* ao longo de seus Seminários.

A raiz freudiana se encontra na conservação e no aprofundamento da tripartição das expressões do sofrimento, quais sejam: inibição, sintoma e angústia, conforme Freud ([1926] 1976). Nesse artigo, estabelece uma diferença com a psiquiatria que nos é cara, até hoje, na direção da cura: para a psicanálise, a angústia não é um sintoma; ao contrário, a teoria psicanalítica considera que a angústia recrudescer quando o sintoma falha. A angústia, desde Freud, é um sinal no eu, mas não é uma formação de compromisso. A angústia sinaliza a aproximação do real na sua forma irreduzível ao significante e à imagem, isto é, quando a palavra e o sentido falham.

Essa é uma diferença radical da psicanálise em relação ao senso comum e à medicina, pois, para esta última, a angústia, tomada como pânico, é tratada como síndrome, como um conjunto de sintomas.

Ainda sobre os traços distintivos entre conceitos e teorias, a abordagem que Lacan faz da angústia pode ser considerada como *pura diferença* em relação a quase tudo o que a psicanálise estabeleceu a partir de Freud. Essa abordagem pode ser bem descrita com a expressão *não é isso*. Aproximar o objeto da angústia ao objeto da ciência moderna? *Não é isso*. Relacionar a teoria psicanalítica com as abordagens da angústia da filosofia contemporânea? *Não é isso* – com honrosa exceção para Kierkegaard. Pensar a proposta de Janet de que no medo há objeto, mas que na angústia não há? *Não é isso*. Imaginar que a teoria do objeto é sobre os objetos de troca e intercâmbio? *Não é isso*. Que o fenômeno do duplo seja o retorno de uma projeção do eu? *Não é isso*. Que na angústia aparece o fantasma, como sugeriu Piera Aulagnier em sua intervenção no Seminário *A identificação*, de Lacan, de 1961-62? *Não é isso*. E até mesmo, que a angústia advém do pavor à ameaça de castração real? *Não é isso*.

Na aula XVIII, no dia 22 de maio de 1963, com seu seminário *A angústia* já bem avançado, Lacan enuncia o *resumo* do que ele vem desenvolvendo:

Na verdade, a questão é determinar, em todos os níveis, qual a função do desejo, e nenhum deles pode se separar das repercussões que tem sobre os demais. Une-os uma solidariedade íntima, que se expressa na fundação do sujeito no Outro por intermédio do significante, e no advento de um resto em torno do qual gira o

drama do desejo, drama este que permaneceria opaco para nós se não houvesse a angústia para nos permitir revelar seu sentido (Lacan, [1962-63] 2005, p.266-267).

A função do desejo do Outro na fundação do Sujeito pela via do significante é uma estrutura bastante examinada por Lacan em vários Seminários anteriores e em muitos de seus mais importantes artigos escritos. Há, no entanto, no seminário *A angústia*, acréscimos que ele faz a sua própria teoria: primeiro, essa dialética da constituição do sujeito a partir do desejo do Outro não ocorre sem a castração, e deixa a marca dessa falta; segundo, é em torno desse vazio que o *desejo* se organiza. Esses dois pontos haviam sido desenvolvidos no Seminário *A identificação* de 1961-62 (Lacan, 2003). No presente Seminário, Lacan ([1962-63] 2005) formalizou um terceiro ponto: a angústia é o fenômeno privilegiado através do qual as estruturas do desejo e do gozo do Outro se revelam através da *vacilação do fantasma fundamental*.

Dois sentenças são emblemáticas deste seminário: a angústia não é sem objeto, e a angústia é a presença do desejo do Outro.

A primeira frase indica uma lógica peculiar, que denota que a relação da angústia com o objeto é incomum, ela não tem *um* objeto, mas tem objeto, isto é, esse objeto deverá ser qualificado. Há algo sobre esse objeto que deve ser tratado de forma especial, pois o cerne do conceito da angústia aí se encontra.

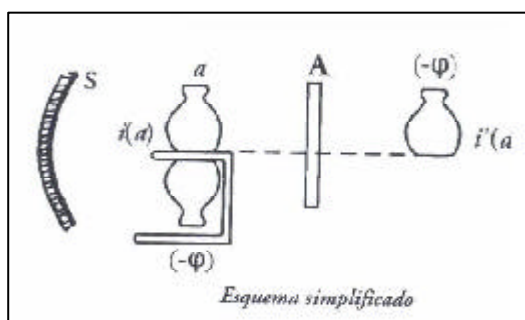
A segunda frase, de caráter enigmático, indica que uma determinada presença desencadeia o fenômeno da angústia, a presença do *desejo do Outro*. Isso também terá que ser articulado, pois o Outro remete, permanente e simultaneamente, tanto às demandas que vêm do mundo, quanto à estrutura do desejo inconsciente, singular para cada um, não existindo solução de continuidade entre as demandas do Outro e o desejo no Sujeito de linguagem. Outro modo de abordar essa mesma questão é pensar que as demandas vindas do real passam pela interpretação da posição subjetiva da pessoa, pela posição fantasmática $\$ \leftrightarrow a$ e, quando ocorre à demanda do Outro afetar a relação do Sujeito com seu objeto *a*, e quando a relação Sujeito com seu objeto vacila, o eu produz um sinal de angústia acusando que *algo ameaça a castração*, algo ameaça a estrutura desejante.

Bem, a função do desejo se articula a partir da imagem especular, do narcisismo, na medida em que “[...] nem todo o investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto” (Lacan, [1962-63] 2005, p.49). Lacan retomará o desenho do estágio do espelho para localizar não tanto a representação do corpo, olho, flores, mas principalmente o efeito da operação de castração imaginária na constituição do fantasma fundamental.

Ele propõe uma modificação no esquema do espelho apresentado no Seminário 1, *Os escritos técnicos de Freud*, de 1953-1954 (Lacan, 1983), e também retoma o grafo do desejo, desenvolvido no Seminário 5, *As formações do inconsciente*, de 1957-1958 (Lacan, 1999). Respectivamente, o objeto a , naquela altura do seu ensino, fora formalizado na sua dimensão simbólica – como objeto metonímico do desejo – e também na sua dimensão imaginária, imagem do objeto, $i'(a)$, objeto de desejo que se revela a partir do Outro: já no ano de 1958, Lacan afirmava que “[...] o desejo é o desejo do Outro” (Lacan, [1957-58] 1999, p.417).

Ambos os esquemas são retomados no Seminário *A angústia*, a partir da *dimensão real* do objeto a , dimensão de pura falta cuja extração, a partir de um corte operado no *cross-cap*, havia sido largamente demonstrada no seminário anterior. Ao retomar esses desenvolvimentos, Lacan localiza a dimensão real do objeto a no fantasma. Essa terceira dimensão, que se enoda às outras duas, é um furo na imagem especular. Ela se sustenta topologicamente como um vazio cercado por uma borda significativa, a banda de Möbius.

Eis o *novo* esquema do espelho (Lacan, [1962-63] 2005, p.49):



No lado esquerdo na parte de baixo, no lugar do corpo real, Lacan localiza $-φ$. A castração incide precocemente, impedindo um gozo que seria pleno. Essa operação de falta tem por efeito uma retenção libidinal e produz uma ausência, marcada como a , como se observa acima, efeito da experiência de Bouasse com o espelho côncavo. Esse a minúsculo, pivô da angústia, é um objeto que não corresponde ao objeto da ciência moderna, é epistemologicamente *novo*.

Ainda nesse mesmo lugar, espaço do narcisismo primário, junto ao eu ideal, $i(a)$, estão os objetos de investimento libidinal que o eu inclui ao se constituir: são as imagens reais, as miragens, os objetos alucinados no espaço, conforme Lacan descrevera no seu primeiro seminário, e também como Freud

havia proposto no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, [1895]/2003). Esses objetos que, aos olhos do bebê, não se distinguem dos objetos do mundo, são as imagens reais. Aqui podemos observar o efeito que a castração já operou ao excluir do gozo narcísico, pois Lacan localiza *a* acima, na borda do vaso. Este *a* é um vazio.

Do lado direito está ϕ , um furo no espaço da imagem virtual do espelho plano, que é o lugar e a função do Outro, do ideal do eu, $i'(a)$. Não todo investimento libidinal passa para este lado, produzindo um furo na imagem. Fica preservada a operação de castração, como mostra a repetição da letra negativizada $-\phi$. Escrever $-\phi$ no lado do ideal do eu atesta que houve uma operação de corte e permite verificar, nesta *mostração*, que o objeto *a* não se especulariza.

Como pode ser que um objeto não seja *especularizável*? Isso foge totalmente ao senso comum dos objetos que conhecemos, como Lacan já havia nos advertido quando afirmou que o objeto *a* é um objeto distinto do objeto da ciência moderna, cuja descrição geométrica é euclidiana e cuja localização no espaço se faz através das coordenadas cartesianas. O objeto da física moderna é calculado através dos desenvolvimentos da matemática de Newton e pode se refletir em um espelho plano.

Então, se o objeto da ciência moderna se estrutura pela sua relação simbólica, por ser uma construção imaginária e significativa, o mesmo não ocorre com o objeto *a* tal como Lacan quer defini-lo. Este não obedece às condições acima, e para mostrar sua *(des)natureza*, Lacan vai usar de uma geometria outra, a topologia das superfícies, que não apenas lhe fornece a *mostração* e a intuição dessa lógica, mas que lhe permite seguir articulando sua própria teoria.

Naturalmente, a conseqüência e até mesmo o objetivo de tais mudanças na abordagem da angústia provocam efeitos na clínica psicanalítica, principalmente no que tange à consideração do fenômeno da angústia como um *afeto que não engana*. Logo, não cabe à psicanálise a tentativa de cura da angústia através do enxerto de imagens e significantes paliativos do lugar da causa. Do ponto de vista da ética do tratamento, a angústia encaminha para o ponto de ausência das certezas e das causas; o que está em jogo é a *construção do fantasma* a partir do que Lacan enuncia, remetendo ao mesmo tempo ao grafo do desejo e ao esquema ótico, como uma posição subjetiva denominada *ele não sabia*.

Para mostrar o modo como a estrutura da angústia e a do fantasma se sobrepõem, Lacan ([1962-63] 2005) destaca dois pisos do grafo do desejo (p.12), que são os dois suportes do desejo.

\$ <> a.....d
m.....i(a)

No primeiro piso está o fundamento imaginário do desejo, que ocorre através da identificação à imagem especular real do próprio corpo $i(a)$, neste nível, como se viu acima. Lacan propõe uma operação de falta na imagem narcísica, e marca essa falta com a letra grega $\phi(fi)$, precedida pelo símbolo aritmético da subtração, $-\phi$. A incidência dessa castração só poderá ser verificada *a posteriori*.

No segundo piso do grafo, uma outra identificação, que Lacan considera mais misteriosa, é a identificação com o objeto de desejo do Outro. Essa segunda identificação provoca e sustenta a estrutura do fantasma. Lacan refere-se a uma temporalidade ambígua na leitura desse piso do grafo, *ele não sabia*. O pretérito imperfeito, que em francês, fica suspenso entre *ele não sabe/ mais um pouco ele saberá*, isto é, um saber que virá de um futuro que se aproxima. A temporalidade do *ele não sabia* comporta uma retroação de seu lugar de identificação no desejo do Outro, e mostra a alienação do \$, sujeito barrado, bem como, a sua posição fantasmática. O Sujeito desconhece também que objeto ele é para o desejo do Outro, e que esta sua posição é o que determina suas escolhas, seus sintomas, sonhos, devaneios. Esta posição deve aparecer em palavras na construção do fantasma como efeito da psicanálise.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica [1895]. Trad. Osmyr Gobbi Jr. In: GABBI JR., Osmyr. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia [1926]. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud [1953-54]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.
- _____. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente [1957-58]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. *O seminário, livro 9: a identificação [1961-62]*. Recife, 2003. Publicação não comercial.
- _____. *O seminário, livro 10: a angústia [1962-63]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Recebido em 15/12/2007.

Aceito em 10/01/2008.

Revisado por Otávio Augusto Winck Nunes